

4 a 11 de Novembro de 1972 — SEMANA DE ORAÇÃO

DINÂMICA DA VIDA CRISTÃ

A Semana de Oração de 1972 oferece aos crentes Adventistas de todo o mundo uma nova oportunidade de suplicar a Deus o poder espiritual tão necessário para vivermos como Jesus nos ensinou a viver. O pecado que nos cerca é sombrio e ominoso, mas a luz do Céu dissipa as trevas e ilumina a vereda que nos conduz à eternidade.

Esta semana os nossos pensamentos serão dirigidos para a «Dinâmica da Vida Cristã». É um tema muito oportuno para os nossos dias, quando tantas forças contrárias procuram neutralizar o nosso companheirismo com Deus. Os que prepararam estas mensagens procuraram realçar as experiências de que precisamos para sobreviver espiritualmente num mundo dominado pelo pecado. Nos artigos preparados encontrareis a Cristo apresentado como o nosso Exemplo, a nossa Inspiração e o nosso Ajudador, tornando possível a dinâmica da vida cristã.

Estas mensagens foram preparadas especialmente para si. Peça a Deus que lhe conceda a dinâmica espiritual de que precisa para vencer as suas fraquezas de carácter. A salvação é uma decisão pessoal. Cristo veio salvá-lo a si, não apenas a sua família e a sua igreja, mas a si. Por isso o convidamos a aproveitar as vantagens que esta Semana lhe pode oferecer ajudando-o a viver vitoriosamente cada dia.

Como Adventistas do Século XX, jovens ou mais idosos, é nosso privilégio viver como vigorosos cristãos, o que engloba ser dinâmico no amor, fé, oração, estudo da Palavra, testemunho, mordomia e adoração, através de uma dinâmica influência do Espírito Santo para que as nossas vidas possam ser um «sacrifício vivo, santo e agradável a Deus», não nos conformando com este mundo, mas sendo transformados. (Rom. 12:1, 2).

«Quando o apóstolo apela a seus irmãos para apresentarem os seus corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, expressa os princípios da verdadeira santificação. Isto não é uma teoria, uma emoção ou uma forma de palavras, mas um princípio vivo e activo que entra na vida diária. Requer que os nossos hábitos de comer, beber e vestir sejam tais que nos assegurem a preservação da saúde física, mental e moral». — A Santificação, p. 30.

Uma vida santificada assegurar-nos-á um lugar no reavivamento e reforma que precederá o regresso do Senhor.

Oremos para que este acontecimento tenha lugar em breve e para que esta Semana de Oração traga a nossos corações uma experiência que para ele nos ajude a preparar.

OFICIAIS DA CONFERÊNCIA GERAL

SUMÁRIO

Visão e Realidade
A fonte do Poder Espiritual
Amor, a Grande Dinâmica
O Canal do Poder Divino
A dinâmica da oração
O Poder da Palavra
O derramamento do Poder
O Poder da Adoração
A dinâmica da esperança
Agenda Adventista

REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal
OUTUBRO DE 1972

ANO XXXIII N.º 313

Director e Editor:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária:

PUBLICADORA ATLANTICO
S. A. R. L.

Redacção:

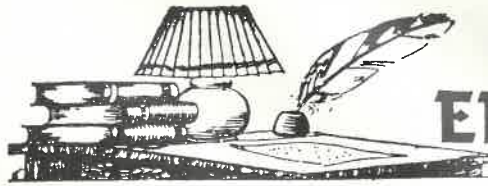
R. JOAQUIM BONIFACIO, 17
L I S B O A

Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º
S A C A V É M

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00
Estrangeiro (ex-
cepto Brasil e Es-
panha): 55\$00
Número avulso 4\$00



Página
EDITORIAL

VISÃO E REALIDADE

Um dia, em 1903, quando E. G. White estava escrevendo a propósito da anterior sessão da Conferência Geral, perdeu subitamente a consciência e teve uma visão inspirada de uma reunião no auditorium do velho Tabernáculo de Battle Creek, onde se realizara essa sessão. Eis como ela a descreve em Testimonies for the Church, vol. 8, pp. 104-106:

«Foi feita uma oração, cantou-se um hino e em seguida orou-se de novo. Foram dirigidas a Deus as mais fervorosas súplicas. A reunião foi assinalada pela presença do Espírito Santo. A Sua influência penetrou profundamente, e alguns dos presentes choravam alto.

Um dentre eles levantou-se, e disse que no passado não tinha estado em união com certos irmãos, e não tinha amor por eles mas que agora reconhecia a sua verdadeira condição. Com grande solenidade, repetiu a mensagem à igreja de Laodiceia: «Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta.' Em minha suficiência própria, era precisamente assim que eu sentia», disse ele. «E não sabes que és um desgraçado. Os meus olhos abriram-se. O meu espírito tem sido duro e injusto. Considerava-me justo, mas o meu coração está quebrantado, e reconheço a minha necessidade do precioso conselho d'Aquele que tão profundamente me tem perscrutado. Oh, quão graciosas e compassivas e amorosas são as palavras: 'Aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas.'» Apoc. 3:17, 18.

O que falava voltou-se para os que tinham estado orando, e disse: «Temos algo a fazer. Devemos confessar os nossos pecados, e humilhar os nossos corações perante Deus.» Ele fez confissões contritas, e em seguida foi ao encontro de vários irmãos, um após outro, e estendeu-lhes

a mão, pedindo perdão. Aqueles a quem falava punham-se de pé, fazendo confissão e pedindo perdão, e caíam nos braços uns dos outros, chorando. O espírito de confissão espalhou-se por toda a congregação. Sentia-se um ambiente de Pentecostes. Cantaram-se louvores a Deus, e pela noite fora, até de manhã cedo, assim se prosseguiu.

As seguintes palavras foram muitas vezes repetidas, em tom claramente distinto: «Eu repreendo e castigo a todos quanto amo; sê pois zeloso, e arrepende-te. Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.» Apoc. 3:19, 20.

Ninguém parecia demasiado orgulhoso para fazer contrita confissão, e os que iam à frente nesta obra eram os que tinham influência, mas até ali não tinham tido a coragem de confessar os seus pecados.

Houve tal regozijo como jamais tinha sido testemunhado no Tabernáculo.»

Que maravilhosa reunião! Não desejaríamos ter assistido a ela?

Em seguida, porém, aparece o trágico parágrafo:

«Então sai da minha inconsciência, e por um pouco de tempo não pude pensar onde estava. Tinha ainda a caneta na mão. E foram-me ditas as palavras: 'Isto podia ter sucedido. Tudo isto o Senhor estava aguardando do Seu povo. Todo o Céu estava aguardando para derramar as suas graças.'»

E a Irmã White termina com estas palavras: «Sobreveio-me uma agonia de decepção ao compreender que o que eu tinha visto não fora uma realidade.»

A pergunta que fazemos a propósito desta Semana de Oração é a seguinte: Porque não converter em realidade o que aqui foi mostrado em visão?

Não seria esse o início de um novo dia para muitas das nossas igrejas?

Ernesto Ferreira

A FONTE DO PODER ESPIRITUAL

Robert H. Pierson

As palavras de despedida de Jesus para os seus discípulos, quando estava prestes a ascender aos céus, foram: «Ficai na cidade de Jerusalém.»¹

Eles foram instruídos a permanecer ali até que algo de maravilhoso acontecesse — deviam receber de forma especial «o poder do alto».

Conhecendo o futuro, Jesus sabia as experiências, as provações, as tentações que seriam o quinhão daqueles que O seguissem nos dramáticos dias por vir. Tinha-os comissionado como arautos de uma mensagem impopular, mas que oferecia salvação aos homens em toda a parte. O Mestre compreendeu claramente a fragilidade dos homens que Ele chamara para viver a Sua vida e pregar a Sua verdade.

Cristo sabia que argumentos humanos eram insuficientes para fazer com que endurecidos pecadores volvessem para um amante Salvador. Ele próprio Se havia encontrado com o arqui-inimigo e pessoalmente experimentara o astucioso engano e a importuna perseverança do maligno.

Sabendo que os Seus discípulos precisavam de auxílio para cumprir essa comissão e dele necessitavam desesperadamente, Jesus instruiu-os a irem para Jerusalém e ali permanecerem até receberem o auxílio de que careciam. Deviam «ficar» — não se lançar em evangelismo intensivo — sem que primeiro tivessem recebido «poder do alto».

Nas instruções de Jesus aos Seus discípulos, há quase dois mil anos, acha-se uma lição para o povo de Deus que se encontra no limiar do mundo eterno. O poder do Espírito Santo é em nossos dias um requisito tão necessário para o evangelismo eficiente como o era nos seus. Este poder não é um simples luxo espiritual; é um pré-requisito divino para o êxito. Não é algo que possamos tomar ou deixar e continuar a cumprir de maneira adequada a nossa tarefa. É uma necessidade absoluta.

No que dizia respeito aos discípulos era ou Pentecostes ou fracasso. Para a igreja militante remanescente é também Pentecostes ou fracasso, com a diferença de que esperamos agora a chuva serôdia.

O derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes foi a chuva temporã. A chuva serôdia deve vir com mais abundante poder a fim de habilitar o povo de Deus a terminar a obra.

As ilustrações das chuvas temporã e serôdia aplicam-se também às experiências pessoais. O desejo de uma vida melhor nascido no coração humano é obra do Espírito Santo. O filho pródigo experimentou esta convicção de necessidade de algo melhor. Longe do lar, no meio dos porcos, das cascas e da fome, uma voz segredou ao seu coração. Falou-lhe de um lar, de uma felicidade, de uma segurança bem longe da sua presente condição. Um profundo anseio por algo de melhor encheu a sua alma. Então, a Palavra relata: «Ele caiu em si».

A voz do Espírito Santo incitou o filho pródigo a dar o primeiro passo em direcção ao lar. «Levantar-me-ei e irei ter com meu Pai.» Uma decisão foi tomada, um passo foi dado — um passo que levou a gloriosa reconciliação e completa restauração.

O que o Espírito Santo fez a favor do transviado jovem descrito na parábola, pode fazer hoje por jovens, rapazes e meninas, crianças e adultos. É ele ainda que nos leva à convicção, à reconciliação e ao arrependimento. «Quando Ele vier», prometeu Jesus, «convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo»².

Mais do que condenar

O terceiro membro da Trindade faz mais do que condenar o manifesto pecador pelas suas transgressões e recordar ao vacilante santo as suas transgressões. Ele exalta tam-

bém a Jesus como a sua esperança de perdão e restauração. «Ele glorificar-Me-á», declarou Jesus. «É por meio do Espírito que Cristo habita em nós; e o Espírito de Deus, recebido no coração pela fé, é o princípio da vida eterna.»³ «O Senhor Jesus age por meio do Espírito Santo; pois este é Seu representante. Por meio d'Ele, infunde na alma vida espiritual, vivificando as energias para o bem, purificando-a da corrupção moral e habilitando-a para Seu reino.»⁴

A convicção do Espírito Santo e a revelação da justiça de Deus levam os homens a confessar a sua indignidade e a buscar auxílio. Esdras, o profeta, confessou: «Meu Deus! Estou confuso e envergonhado para levantar a Ti a minha face, meu Deus: porque as nossas iniquidades se multiplicaram sobre a nossa cabeça e a nossa culpa tem crescido até aos céus.»⁵ Isaías exclamou: «Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros.»⁶ No dia de Pentecostes aqueles que ouviram o sermão de Pedro cheio do Espírito Santo perguntaram com profunda convicção: «Que faremos, varões irmãos?»

O Espírito Santo impressiona-nos ainda a confessar os nossos pecados a Deus e as nossas «faltas uns aos outros». Temos de estar em regra com Deus e o nosso próximo. Se parece que estamos em melhores relações com os anjos do que com os nossos vizinhos ou membros da nossa própria família, há qualquer coisa de errado na nossa religião. Talvez que o Espírito Santo ainda tenha um trabalho a fazer por nós e em nós.

Assim como o Espírito Santo é o agente divino para nos levar a Cristo, assim como Ele é o agente que opera a experiência transformadora do novo nascimento nas nossas vidas, assim Ele provê o poder necessário para vivermos a vida de vitória sobre o pecado e o mundo. Habilita-nos a crescer até à perfeita maturidade espiritual.

A esperança e o auxílio são nossos! Cristo os proveu para nós! «Veio para destruir as obras do diabo, e tomou providências para que o Espírito Santo fosse comunicado a toda a alma arrependida, para guardá-la de pecar.»⁷ «Nossa única segurança contra o cairmos em pecado é nos conservarmos constantemente sob a influência modeladora do Espírito Santo.»⁸ Esta influência do Espírito Santo capacita-nos a «formar caracteres que sejam um reflexo do carácter divino.»⁹

Quando o Espírito Santo vem aos nossos corações, os frutos do Espírito come-

çam a adornar as nossas vidas. «Caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.»¹⁰ fazem parte do nosso novo estilo de vida. Aqueles com quem entramos em contacto compreendem que houve uma mudança nas nossas vidas. Mesmo os membros da nossa família mais chegada reconhecerão que algo de maravilhoso nos aconteceu.

«Precisamos todas as horas de nossa vida ser santificados pelo Espírito Santo para não cairmos nas ciladas do inimigo e serem nossas almas postas em perigo.»¹¹

O Espírito e a nossa vida de oração

O Espírito desempenha um importante papel na vida de oração. Este papel é de vital importância para que possamos alcançar a maturidade espiritual que almejamos e que Cristo deseja para nós. «Da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito ora por nós com gemidos inexprimíveis. E o que prescrua os corações sabe o que deseja o Espírito; porque ele pede segundo a vontade de Deus pelos santos.»¹²

Provavelmente houve ocasiões em que vos sentistes fatigados, em que vos sentistes abatidos, em que talvez um traço de rebelião se agravou em vosso coração. Não vos apetecia orar. Talvez que através de um sentimento de dever vos lançastes sobre os vossos joelhos e tentastes orar. Ali, prostrado perante o Senhor, as vossas lutas estranhamente cessaram. Uma doce paz desceu sobre vós. Encontrastes-vos em uníssono com o vosso Criador. Isso foi obra do Espírito Santo, preparando-vos para falar com Deus.

A seguir, à medida que palavras hesitantes e vacilantes saíam de vossos lábios, o Espírito Santo transformava-as na linguagem do céu. Assim, o Espírito «ajuda-nos nos nossos problemas diários e na nossa oração». Que preciosa experiência — o dinâmico Espírito de Deus à obra nas nossas vidas!

O Espírito e a Fé

Como jovem cristão um dos meus maiores problemas era ter a certeza de que Deus verdadeiramente perdoara os meus pecados. Os meus tristes erros de ontem

interferiam constantemente com a minha paz de espírito. Então, um dia, o meu santo professor de Bíblia leu-me estas inspiradas palavras: «Confessastes vossos pecados e de coração a eles renunciastes. Resolvestes entregar-vos a Deus. Ide, pois, a Ele e pedi-Lhe que vos lave de vossos pecados e vos dê um coração novo.

Crêde então que o fará; *porque assim o prometeu*»¹³.

Eu precisava de fé. Precisava acreditar que Deus faria o que prometera. Quando aceitei a Sua palavra encontrei paz.

Como podeis vós e eu aumentar a nossa fé? Paulo exclama: «A Fé é pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus.» Ao ouvirmos as promessas de Deus na Sua Palavra e as reclamarmos como nossas, ao contemplarmos o cumprimento revelado das profecias da Sua Palavra, as sementes de fé são semeadas. É obra do Espírito Santo nutrir estas sementes e trazê-las a perfeito fruto. «Nenhum homem pode criar fé. O Espírito operando na mente humana e iluminando-a cria a fé em Deus»¹⁵. A fé é o fruto da operação do Espírito Santo.

O Espírito e a Palavra

Se a igreja experimentar arrependimento, reavivamento e reforma, como creio que experimentará, isso virá em grande parte porque nos voltaremos para a Palavra de Deus como nunca antes. «De volta à Palavra» deve ser o nosso lema neste dia de modernismo e descrença. Temos de ser um povo do Livro!

A Palavra de Deus é o produto da revelação do Espírito Santo. «Homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo»¹⁶. Hoje, se queremos colher os ricos benefícios das preciosas páginas da Bíblia, precisamos da direcção do mesmo Espírito que inspirou a Palavra escrita.

«Nunca deve a Bíblia ser estudada sem oração. Antes de abrir as suas páginas, devemos pedir a iluminação do Espírito Santo e ser-nos-á dada»¹⁷.

Os pioneiros do Movimento do Advento eram homens e mulheres da Palavra. Eram homens e mulheres de oração. Quando, em sua busca da verdade, chegavam a trechos da Escritura que não podiam compreender, passavam longos períodos de tempo de joelhos clamando pela direcção do Espírito Santo. Uma vez e outra reclamaram a pro-

messas de Cristo: «Quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade»¹⁸. Nós regozijamo-nos hoje na harmoniosa verdade da mensagem Adventista porque aqueles homens e mulheres pleitearam com Deus por direcção do Espírito ao esquadriharem a verdade na Palavra. Vós e eu precisamos ainda do mesmo poder do alto para dirigir as nossas mentes ao investigar profundamente no tesouro da verdade de Deus.

Inspirados pelo Espírito para testemunhar

Recebemos para dar. Se achámos paz e alegria em Cristo sentiremos que é para nós uma responsabilidade ajudar outros a entrar nesta mesma experiência. O que Deus em Seu amor e misericórdia nos concedeu devemos nós partilhar com outros ao nosso redor.

Em adição à mensagem de salvação do pecado e culpa, Deus revelou a este povo a parte profética da Sua Palavra. Através da nossa compreensão destas profecias, nós reconhecemos nos rápidos acontecimentos que nos rodeiam a proximidade do fim — a vinda de Jesus. Não ousamos entesourar estas verdades e deixar de partilhá-las com os que nos rodeiam. Mas o nosso testemunho será infrutífero a menos que o Espírito Santo vá connosco. «Sem o Espírito e poder de Deus, será em vão que labutamos para apresentar a verdade»¹⁹.

No nosso testemunho a dinâmica do Espírito Santo surge em acção. Porque este desejo de partilhar vem d'Ele. O mesmo Espírito que nos ordena «Vem», também nos ordena «Vai!» Como cristãos genuínos temos de responder ao imperativo e *ir!*

«Cristo em Sua função de Mediador dá aos Seus servos a presença do Espírito Santo. É a eficiência do Espírito que capacita os agentes humanos a ser representantes do Redentor na obra de salvar almas. Para que possamos unir-nos com Cristo nesta obra temos de colocar-nos sob a modeladora influência do Seu Espírito»²⁰.

Desejas ver a Obra terminada? Desejas ver Jesus voltar em breve? Então, meu amigo, tens de preparar-te para receber o Seu Espírito. Sòmente a dinâmica influência deste poder do alto na tua vida e na vida de cada professo filho de Deus em todo o mundo pode gerar poder espiritual suficiente para finalizar a obra que Deus nos designou. É, como vimos no princípio, ou Pentecostes ou fracasso!

Não somos chamados para o fracasso

O resultado não será o fracasso! Deus não chamou este movimento para o fracasso. Chamou-o para o êxito nos nossos dias! Mas esse êxito não pode ser mundial sem que antes o tenha sido na vida individual — no vosso coração e no meu. O Espírito Santo tem de encontrar morada permanente em nossa vida. Só então pode Deus usar-nos como prometeu e deseja.

É meu fervoroso anseio que durante esta Semana de Oração, Deus possa vir bem perto de Seu povo através do Seu Espírito. É meu desejo que o Espírito possa trazer arrependimento a Israel, que Ele possa avivar a chama de reavivamento tornando-a uma gloriosa reforma que gere o poder para a finalização da obra num futuro próximo, bem próximo.

Meu irmão, minha irmã, não desejas tu responder a este ardente apelo? Não abrirás mesmo agora o teu coração e não O convidarás a entrar em toda a Sua plenitude e a

purificar-te do pecado? Não te unirás aos teus irmãos e irmãs de todo o mundo para orar a fim de que Deus inunde as vidas regeneradas de todos nós com o Seu Santo Espírito e nos prepare *agora* para a volta de Seu Filho?

¹ Lucas 24:49.

² João 16:8.

³ O Desejado de Todas as Nações, p. 288.

⁴ Mensagens aos Jovens, p. 55.

⁵ Esdras 9:6.

⁶ Isaías 6:5.

⁷ O Desejado de Todas as Nações, p. 228.

⁸ Conselhos Sobre Saúde, p. 594.

⁹ Testimonies, vol. 8, p. 86.

¹⁰ Gálatas 5:22, 23.

¹¹ Testemunhos para Ministros, p. 223.

¹² Rom. 8:26, 27 (Trad. de Matos Soares).

¹³ Aos Pés de Cristo, p. 53.

¹⁴ Romanos 10:17.

¹⁵ The SDA Bible Commentary, Ellen G. White Comments, on 1 Peter 1:22, p. 940.

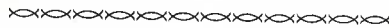
¹⁶ 2 Pedro 1:21.

¹⁷ Aos Pés de Cristo, p. 98.

¹⁸ João 16:13.

¹⁹ Testimonies, vol. 5, p. 158.

²⁰ Ibid., vol. 7, p. 30.



Domingo, 5 de Novembro de 1972

AMOR, A GRANDE DINÂMICA

M. E. Lind

Quando o apóstolo disse: «Mas Deus prova o Seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores». (Rom. 5:8), ele colocou diante de nós Amor em Acção. A dívida de Deus e de Seu amor ao homem caído não são simples palavras. Não é um eloquente discurso. Deus manifestou o Seu amor para conosco através de um acto, de um *feito*. Sim, um feito surpreendente, que só na eternidade poderemos compreender perfeitamente. Ele manifestou o Seu amor para conosco em «Cristo, que morreu por nós, sendo nós ainda pecadores».

Quando o homem pecador se rebelou contra o seu Criador foi necessário que Deus punisse o pecado. Deus havia declarado: «No dia em que dela comeres (da árvore da ciência do bem e do mal) certamente morrerás». (Gén. 2:17). Ele não podia desviar-Se do que tinha dito. A única maneira possível como o homem podia evitar o castigo era que alguém sofresse e pagasse a pena em seu lugar. Quem seria?

Podemos imaginar que houve um solene silêncio entre a hoste angélica ao começarem a compreender a hediondez do pecado. Mas é difícil acreditar que qualquer dos anjos sonhasse sequer

que um membro da Própria Trindade encarnasse e morresse pelo homem caído. Todavia, foi isso o que aconteceu. E tal foi o amor do Pai que esteve pronto a consentir que Cristo deixasse o Céu e viesse a esta terra para se entregar pelo homem caído.

Ao assumir a natureza humana, Cristo despojou-Se das glórias da divindade, tornando-Se por vós e por mim uma criança que teve como berço uma manjedoura em Belém. A serva do Senhor diz: «O amor de Deus pela raça caída é uma peculiar manifestação de amor — um amor nascido de misericórdia porque os seres humanos são todos sem mérito. A misericórdia implica imperfeição do objecto em relação ao qual se mostra. É por causa do pecado que a misericórdia entrou em activo exercício». — Testimonies, vol. 7, p. 264. Nós não merecíamos tal amor, tal misericórdia. Não podemos deixar de nos maravilhar disto.

Desde o tempo em que Adão se escondeu no jardim do Eden depois da sua queda, Deus tem buscado os pecadores. Foi o Seu amor que encontrou o rebelde Jonas nas profundezas do mar e o levou a arrepender-se. Foi o amor de Deus que encontrou ao perseguidor Saulo no caminho para

Damasco e o transformou num grande embaixador de Cristo. Foi o mesmo amor que operou um milagre nas vidas de Tiago e João, aqueles turbulentos jovens tão cheios de exaltação própria. Foi o amor de Deus que encontrou David quando ele descera ao abismo do pecado e o levou a um completo arrependimento, colocando os seus pés sobre a rocha. Este mesmo amor expresso no Calvário é o argumento convincente de Deus para com o homem pecador. Confrontou o ladrão na cruz e trouxe-lhe vida eterna e salvação. Jesus declarou: «Porque o Filho do homem veio para buscar e salvar o que se havia perdido». Luc. 19:10.

Porque nos amaria Deus?

Humanamente falando, não há nenhuma razão lógica por que Deus vos amasse a vós e a mim. O homem pecador nada tem que o recomende a Deus. A assim chamada justiça humana é na melhor das hipóteses como vestes manchadas. Não há nada de que se gloriar; nada que possamos exibir no meio da congregação celestial. Porque amaria então Deus o homem?

Vemos na história de Mefibosete e David, tal como é relatada em 2 Crónicas, capítulo 9, um incidente que nos ajuda a encontrar uma resposta a esta pergunta.

Mefibosete era paraplégico. Fora-o desde a idade de 5 anos quando durante a fuga, ao saber-se das notícias da morte de seu pai na batalha, ele caíra dos braços da sua ama. Desde então Mefibosete tinha ficado dependente dos outros. Não podia praticamente fazer nada por si mesmo, porque era «aleijado de ambos os pés» (verso 3). Ele tinha-se em fraca estima devido à sua condição física. Um dia foi convocado ao palácio real pelo rei David, que queria fazer-lhe bem. Ao chegar à presença real as suas enfermidades pareciam-lhe mais pronunciadas. Ele exclamou: «Quem é teu servo, para tu teres olhado para um cão morto tal como eu?» Mas a despeito dos seus protestos David insistiu em que ele comesse à mesa real durante o resto da sua vida.

Mefibosete não era grande ornamento à mesa real. Todavia ele tinha ali um lugar continuamente. Porquê? Porque David viu nele os traços do rosto de seu querido amigo Jónatas, que ele nunca podia esquecer. Mefibosete era filho de Jónatas.

Como Mefibosete, nós, que somos cristãos, podemos perguntar a Deus: «Quem somos nós para que Tu tenhas olhado para nós?» Contudo, Deus sentar-nos-á à mesa celestial com Ele porque vê no nosso rosto o reflexo do seu bem-amado Filho. Somos-Lhe queridos devido a Ele. O Pai ama de tal maneira o Seu Filho Unigénito, que por amor d'Ele, a nós, humildes irmãos de Cristo, nos ergue da pobreza e exílio espiritual a cidadãos das cortes celestes, a membros de nobre linhagem, a participantes da mesa real. A deformidade moral do povo

de Deus, devida ao pecado, não lhes rouba os seus privilégios. A imperfeição física não é nenhum obstáculo para a filiação. O aleijado é tanto herdeiro como se pudesse correr como Cushi. Sim, a mesa de um rei é um bom esconderijo para pernas inválidas. A despeito da nossa pecadora deformidade e da nossa absoluta indignidade do amor de Deus, Ele ama-nos por amor de Cristo. E nós aceitamos pela fé este maravilhoso dom do qual somos tão manifestamente indignos. Não nos é dito se David veio a amar Mefibosete por ele próprio. Mas Deus ama-nos tanto por nós próprios como por amor de Cristo. «Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco: que Deus enviou o Seu Filho Unigénito ao mundo para que por Ele vivamos». (1 João 4:9).

Contra o que seria de esperar, o amor de Deus não é universalmente aceite. Se o fosse, grandes mudanças para melhor teriam sido testemunhadas em toda a parte. Mesmo entre os que usam o nome de cristãos muitos há que se comportam para com o amor de Deus como se ele não fosse real. Em vez de corresponderem calorosamente a este incomparável amor, muitos mostram uma indiferença que toca as raias da aversão.

Atraídos pelo amor

Mas há outros que são atraídos ao seu Salvador pelo amor de Deus. Penso em certa mulher que vivia na vertente das poderosas montanhas Ruwenzori, no Uganda Ocidental. Meri Kahinju era uma viúva cujo coração o amor de Cristo tocara e transformara. Depois da sua conversão só tinha um objectivo em mente: contar aos outros acerca do maravilhoso amor de Deus. Isto ela fazia persistentemente. Viajou através dessas poderosas montanhas com a sua Bíblia na mão. Pregou o Evangelho onde quer que foi. Trouxe centenas de pessoas a Cristo. Eu era nessa altura director de uma estação missionária e um dia, ao assistir a um conselho local em Kampala, persuadi os irmãos a empregarem Meri como obreira regular. Todos conheciam a sua vida abnegada e os muitos que ela trouxera ao conhecimento de Jesus. O conselho votou unânimemente tomá-la como obreira.

Quando voltei às montanhas, parei junto da humilde casa de Meri e dei-lhe as boas novas. Meri não podia ver quaisquer «boas novas» naquelas notícias. Ficou sem dizer palavra durante um momento ou dois. A seguir disse: «Que fiz eu para que não possa servir o meu Salvador de graça?».

A sua resposta deixou-me completamente mudo. Mas a despeito da minha explicação das intenções do conselho, ela manteve-se inflexível. Não aceitaria qualquer salário para pregar o Evangelho. Acrescentou que talvez o conselho *pudesse* votar para ela um ou dois vestidos por ano, para que se não envergonhasse de pregar diante de uma multidão vestida com roupas que não fossem ade-

Não somos chamados para o fracasso

O resultado não será o fracasso! Deus não chamou este movimento para o fracasso. Chamou-o para o êxito nos nossos dias! Mas esse êxito não pode ser mundial sem que antes o tenha sido na vida individual — no vosso coração e no meu. O Espírito Santo tem de encontrar morada permanentemente em nossa vida. Só então pode Deus usar-nos como prometeu e deseja.

É meu fervoroso anseio que durante esta Semana de Oração, Deus possa vir bem perto de Seu povo através do Seu Espírito. É meu desejo que o Espírito possa trazer arrependimento a Israel, que Ele possa avivar a chama de reavivamento tornando-a uma gloriosa reforma que gere o poder para a finalização da obra num futuro próximo, bem próximo.

Meu irmão, minha irmã, não desejas tu responder a este ardente apelo? Não abrirás mesmo agora o teu coração e não O convidarás a entrar em toda a Sua plenitude e a

purificar-te do pecado? Não te unirás aos teus irmãos e irmãs de todo o mundo para orar a fim de que Deus inunde as vidas regeneradas de todos nós com o Seu Santo Espírito e nos prepare agora para a volta de Seu Filho?

¹ Lucas 24:49.

² João 16:8.

³ O Desejado de Todas as Nações, p. 288.

⁴ Mensagens aos Jovens, p. 55.

⁵ Esdras 9:6.

⁶ Isaías 6:5.

⁷ O Desejado de Todas as Nações, p. 228.

⁸ Conselhos Sobre Saúde, p. 594.

⁹ Testimonies, vol. 8, p. 86.

¹⁰ Gálatas 5:22, 23.

¹¹ Testemunhos para Ministros, p. 223.

¹² Rom. 8:26, 27 (Trad. de Matos Soares).

¹³ Aos Pés de Cristo, p. 53.

¹⁴ Romanos 10:17.

¹⁵ The SDA Bible Commentary, Ellen G. White Comments, on 1 Peter 1:22, p. 940.

¹⁶ 2 Pedro 1:21.

¹⁷ Aos Pés de Cristo, p. 98.

¹⁸ João 16:13.

¹⁹ Testimonies, vol. 5, p. 158.

²⁰ Ibid., vol. 7, p. 30.

Domingo, 5 de Novembro de 1972

AMOR, A GRANDE DINÂMICA

M. E. Lind

Quando o apóstolo disse: «Mas Deus prova o Seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores». (Rom. 5:8), ele colocou diante de nós Amor em Acção. A dádiva de Deus e de Seu amor ao homem caído não são simples palavras. Não é um eloquente discurso. Deus manifestou o Seu amor para conosco através de um acto, de um *feito*. Sim, um feito surpreendente, que só na eternidade poderemos compreender perfeitamente. Ele manifestou o Seu amor para conosco em «Cristo, que morreu por nós, sendo nós ainda pecadores».

Quando o homem pecador se rebelou contra o seu Criador foi necessário que Deus punisse o pecado. Deus havia declarado: «No dia em que dela comeres (da árvore da ciência do bem e do mal) certamente morrerás». (Gén. 2:17). Ele não podia desviar-Se do que tinha dito. A única maneira possível como o homem podia evitar o castigo era que alguém sofresse e pagasse a pena em seu lugar. Quem seria?

Podemos imaginar que houve um solene silêncio entre a hoste angélica ao começarem a compreender a hediondez do pecado. Mas é difícil acreditar que qualquer dos anjos sonhasse sequer

que um membro da Própria Trindade encarnasse e morresse pelo homem caído. Todavia, foi isso o que aconteceu. E tal foi o amor do Pai que esteve pronto a consentir que Cristo deixasse o Céu e viesse a esta terra para se entregar pelo homem caído.

Ao assumir a natureza humana, Cristo despojou-Se das glórias da divindade, tornando-Se por nós e por mim uma criança que teve como berço uma manjedoura em Belém. A serva do Senhor diz: «O amor de Deus pela raça caída é uma peculiar manifestação de amor — um amor nascido de misericórdia porque os seres humanos são todos sem mérito. A misericórdia implica imperfeição do objecto em relação ao qual se mostra. É por causa do pecado que a misericórdia entrou em activo exercício». — Testimonies, vol. 7, p. 264. Nós não merecíamos tal amor, tal misericórdia. Não podemos deixar de nos maravilhar disto.

Desde o tempo em que Adão se escondeu no jardim do Eden depois da sua queda, Deus tem buscado os pecadores. Foi o Seu amor que encontrou o rebelde Jonas nas profundezas do mar e o levou a arrepender-se. Foi o amor de Deus que encontrou ao perseguidor Saulo no caminho para

Damasco e o transformou num grande embaixador de Cristo. Foi o mesmo amor que operou um milagre nas vidas de Tiago e João, aqueles turbulentos jovens tão cheios de exaltação própria. Foi o amor de Deus que encontrou David quando ele descera ao abismo do pecado e o levou a um completo arrependimento, colocando os seus pés sobre a rocha. Este mesmo amor expresso no Calvário é o argumento convincente de Deus para com o homem pecador. Confrontou o ladrão na cruz e trouxe-lhe vida eterna e salvação. Jesus declarou: «Porque o Filho do homem veio para buscar e salvar o que se havia perdido». Luc. 19:10.

Porque nos amaria Deus?

Humanamente falando, não há nenhuma razão lógica por que Deus vos amasse a vós e a mim. O homem pecador nada tem que o recomende a Deus. A assim chamada justiça humana é na melhor das hipóteses como vestes manchadas. Não há nada de que se gloriar; nada que possamos exibir no meio da congregação celestial. Porque amaria então Deus o homem?

Vemos na história de Mefibosete e David, tal como é relatada em 2 Crónicas, capítulo 9, um incidente que nos ajuda a encontrar uma resposta a esta pergunta.

Mefibosete era paralítico. Fora-o desde a idade de 5 anos quando durante a fuga, ao saber-se das notícias da morte de seu pai na batalha, ele caíra dos braços da sua ama. Desde então Mefibosete tinha ficado dependente dos outros. Não podia praticamente fazer nada por si mesmo, porque era «aleijado de ambos os pés» (verso 3). Ele tinha-se em fraca estima devido à sua condição física. Um dia foi convocado ao palácio real pelo rei David, que queria fazer-lhe bem. Ao chegar à presença real as suas enfermidades pareciam-lhe mais pronunciadas. Ele exclamou: «Quem é teu servo, para tu teres olhado para um cão morto tal como eu?» Mas a despeito dos seus protestos David insistiu em que ele comesse à mesa real durante o resto da sua vida.

Mefibosete não era grande ornamento à mesa real. Todavia ele tinha ali um lugar continuamente. Porquê? Porque David viu nele os traços do rosto de seu querido amigo Jónatas, que ele nunca podia esquecer. Mefibosete era filho de Jónatas.

Como Mefibosete, nós, que somos cristãos, podemos perguntar a Deus: «Quem somos nós para que Tu tenhas olhado para nós?» Contudo, Deus sentar-nos-á à mesa celestial com Ele porque vê no nosso rosto o reflexo do seu bem-amado Filho. Somos-Lhe queridos devido a Ele. O Pai ama de tal maneira o Seu Filho Unigénito, que por amor d'Ele, a nós, humildes irmãos de Cristo, nos ergue da pobreza e exílio espiritual a cidadãos das cortes celestes, a membros de nobre linhagem, a participantes da mesa real. A deformidade moral do povo

de Deus, devida ao pecado, não lhes rouba os seus privilégios. A imperfeição física não é nenhum obstáculo para a filiação. O aleijado é tanto herdeiro como se pudesse correr como Cush. Sim, a mesa de um rei é um bom esconderijo para pernas inválidas. A despeito da nossa pecadora deformidade e da nossa absoluta indignidade do amor de Deus, Ele ama-nos por amor de Cristo. E nós aceitamos pela fé este maravilhoso dom do qual somos tão manifestamente indignos. Não nos é dito se David veio a amar Mefibosete por ele próprio. Mas Deus ama-nos tanto por nós próprios como por amor de Cristo. «Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco: que Deus enviou o Seu Filho Unigénito ao mundo para que por Ele vivamos». (1 João 4:9).

Contra o que seria de esperar, o amor de Deus não é universalmente aceite. Se o fosse, grandes mudanças para melhor teriam sido testemunhadas em toda a parte. Mesmo entre os que usam o nome de cristãos muitos há que se comportam para com o amor de Deus como se ele não fosse real. Em vez de corresponderem calorosamente a este incomparável amor, muitos mostram uma indiferença que toca as raízes da aversão.

Atraídos pelo amor

Mas há outros que são atraídos ao seu Salvador pelo amor de Deus. Penso em certa mulher que vivia na vertente das poderosas montanhas Ruwenzori, no Uganda Ocidental. Meri Kahinju era uma viúva cujo coração o amor de Cristo tocara e transformara. Depois da sua conversão só tinha um objectivo em mente: contar aos outros acerca do maravilhoso amor de Deus. Isto ela fazia persistentemente. Viajou através dessas poderosas montanhas com a sua Bíblia na mão. Pregou o Evangelho onde quer que foi. Trouxe centenas de pessoas a Cristo. Eu era nessa altura director de uma estação missionária e um dia, ao assistir a um conselho local em Kampala, persuadei os irmãos a empregarem Meri como obreira regular. Todos conheciam a sua vida abnegada e os muitos que ela trouxera ao conhecimento de Jesus. O conselho votou unânimemente tomá-la como obreira.

Quando voltei às montanhas, parei junto da humilde casa de Meri e dei-lhe as boas novas. Meri não podia ver quaisquer «boas novas» naquelas notícias. Ficou sem dizer palavra durante um momento ou dois. A seguir disse: «Que fiz eu para que não possa servir o meu Salvador de graça?»

A sua resposta deixou-me completamente mudo. Mas a despeito da minha explicação das intenções do conselho, ela manteve-se inflexível. Não aceitaria qualquer salário para pregar o Evangelho. Acrescentou que talvez o conselho *pudesse* votar para ela um ou dois vestidos por ano, para que se não envergonhasse de pregar diante de uma multidão vestida com roupas que não fossem ade-

quadas. Tive de voltar e contar ao conselho a sua reacção.

O conselho revogou o voto e Meri continua os seus actos de amor por seu Mestre sem salário até este dia.

E. G. White declara: «O tema favorito de Cristo é o carácter paternal e o abundante amor de Deus'. — *Testimonies*, vol. 6, p. 55. Tem-se dito e repetimos que o último argumento de Deus com o pecador é a cruz. Ao ponderar-se a Sua manifestação de amor neste mesmo momento da nossa meditação, qual é a vossa resposta ao amor de Deus? Ele deseja que sejais Seu. Deseja-vos para agora e para a eternidade. A cruz do Calvário é o Seu último argumento para convosco. Não desejais dizer: «Senhor, eu entrego-me completamente»? Se o fizerdes, a vida terá um novo significado. A morte não encerrará qualquer terror. O vosso futuro será com Deus.

Mais forte do que a morte, mais elevado do que os céus, mais profundo do que o oceano, mais vasto do que o universo, o amor de Deus não pode deixar de vos afectar se assim o permitirdes. É o único poder que vos pode tornar aptos para o céu. Se estais lutando para «serdes bons», estais batalhando em vão. O inimigo conhece todas as ciladas. Foi ele que as armou. Está relacionado com todas as armadilhas. Foi ele que as fez.

Que devemos fazer então? Que podemos fazer para nos prepararmos para o céu e nos encontrarmos com o nosso Deus? Talvez sejamos membros de igreja há muitos anos — e a que se assemelham os nossos caracteres? Vencemos nós as fraquezas que tínhamos quando fomos baptizados? São os nossos génios mais serenos, somos nós mais amáveis agora do que antes? Somos mais honestos nos nossos negócios agora do que quando primeiramente respondemos a Deus?

Lembram-se da história da velha porteira que se converteu? Quando lhe pediram provas da sua mudança de coração, ela disse: «Eu agora levanto o grande tapete da entrada e varro debaixo dele, ao passo que antes só varria à sua volta».

Orgulho, um factor dominante

Estamos permitindo que o amor de Deus nos faça realmente humildes, ou continua ainda o orgulho a ser um factor dominante em nossas vidas?

«É possível que, para a formação do vosso carácter muito trabalho seja ainda requerido e sejais pedra tosca que tem de ser burilada antes de poder preencher dignamente o seu lugar no templo de Deus. Não deve surpreender-vos, pois, que com o martelo e o cinzel, Deus Se ponha a desbastar as arestas para ocupardes esse lugar. Só Deus o pode executar. E podeis estar certos de que ne-

nhum golpe será dado em falso. *Todos os seus golpes são dados com amor*, para vossa felicidade perpétua. Ele conhece as vossas fraquezas e trabalha para restaurar, não para destruir'. — *Testimonies*, vol. 7 p. 264. (Itálico nosso).

Sòmente o amor de Deus pode transformar o vosso carácter e moldá-lo para a vida futura. Aceitando completamente o amor de Deus na vossa vida, o trabalho preparatório de aperfeiçoar o vosso carácter para o céu será abreviado.

Com todos os defeitos, todas as fraquezas, com tão pouco feito e tão pouco tempo para realizar tudo o que precisa ser feito, o inimigo do homem segreda-nos sugestões que muitos de nós aceitamos: «Não vale a pena. Não podes alcançar o alvo. É impossível para ti seres contado entre os perfeitos». Não presteis atenção. Em Mateus 12:20, o Salvador citando o profeta Isaías, diz a respeito do Messias: «Não esmagará a cana quebrada ou esmagada? O que é mais incerto do que um morrão que já não arde e está prestes a extinguir-se? Imaginais uma cana que cresce no pântano mesmo quebrada. É difícil de conceber algo de mais frágil. Basta apenas um pato selvagem dar com ela que tudo termina. Considerar um morrão que fumeja: um sopro de vento, uma só gota de água poderiam terminar com a sua existência.

Jesus usou estas ilustrações para mostrar o terno, adejante e protector cuidado e amor do Pai para com todos os Seus filhos. Há muitos deles que são fracos como a cana quebrada ou o morrão que fumeja. É verdade que há alguns homens e mulheres fortes, de grande fé e firme coragem entre o Seu rebanho. Maravilhamo-nos quando vemos acerca deles. Ansiamos copiá-los. Mas muitos de nós somos fracos e prontos a desfalecer. Esquecemo-nos de que também eles precisaram do auxílio de Deus.

Deus deseja que todos os Seus filhos sejam fortes no poder do Seu amor, porque o amor é dinâmico. «Amor é poder» — *Testimonies*, v. 2, p. 135. «Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação». (2 Tim. 1:7). Não há nada a que o amor possa fazer frente.

Quando o amor de Deus toma plena posse do coração ele traz consigo uma fé maior e esses dois elementos juntos dão-nos poder para vencer a nossa fraqueza e os nossos temores. Este amor dá-nos força para vencer a nossa fraqueza e os nossos temores. Este amor dá-nos força para vencer o mundo, a carne e o demónio. Habilita-nos a fazer a vontade do Pai.

Maior amor para maior poder é hoje a necessidade da igreja. Podemos-lo ter. Com amor a Deus e ao nosso próximo, seremos fortalecidos pelo Espírito Santo para testemunhar a um mundo sem amor o amor de Deus. E através da dinâmica desse testemunho outros serão levados a Ele.

O CANAL DO PODER DIVINO

C. E. Bradford

O apóstolo Paulo fala em nome dos verdadeiros crentes de Cristo de todos os séculos quando exclama: «A vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e Se entregou a Si mesmo por mim.» (Gal. 2:20).

A vida de vitória que Paulo vivia em Cristo veio através do canal da fé no Filho de Deus. Cada dom de Deus, cada bênção, cada graça, a própria vida espiritual, depende da fé. É a fé salvadora que torna o poder de Deus operativo na experiência do cristão. A fé é um canal pelo qual as tremendas energias da Divindade — Pai, Filho e Espírito Santo — são postas à disposição para ir ao encontro da necessidade do crente individualmente. Sem fé, o mais amplo suprimento de graça ficaria com uma fonte fechada. «A graça de Deus vem à alma pelo conduto da fé viva». — *Primeiros Escritos*, p. 72. A fé é a condição única de obter a justificação». — *Mensagens Escolhidas*, Livro Um, p. 389. «Fé... liga-nos intimamente com o céu e traz-nos força para batalhar com os poderes das trevas». — *Profetas e Reis*, p. 157.

Esta é a primeira lição que cada membro de igreja deve aprender. Para que a igreja seja a igreja — o verdadeiro corpo de Cristo — os seus membros têm de viver pela fé. A igreja não é a igreja simplesmente porque tem Cristo como fundador, mas porque Cristo nela vive como seu morador. E se os membros de igreja têm de ser cristãos que vivam a vida cristã, eles têm de ter aquela conexão vital com o Espírito Santo que apenas vem através da fé. Recordando outro exemplo, é pela fé que a vida da videira se torna a vida dos ramos. Assim, pela fé, Cristo vem morar na Sua igreja.

Somos instruídos pela experiência do antigo Israel, que com frequência frustrou os propósitos de Deus devido à sua falta de fé. O salmista lamenta: «Quantas vezes O provocaram no deserto e O ofenderam na solidão! Voltaram atrás e tentaram a Deus;

e duvidaram do Santo de Israel.» (Sal. 78:40, 41).

O escritor do livro de Hebreus refere-se a esta mesma situação e acrescenta um nota de advertência: «Vêde, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel para se apartar do Deus vivo. Antes exortai-vos uns aos outros durante o tempo que se chama Hoje para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado. Porque nos tornamos participantes de Cristo se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim. Enquanto se diz: Hoje se ouvirdes a Sua voz não endureçais os vossos corações como na provocação, porque havendo-a alguns ouvido, O provocaram; mas não todos os que saíram do Egipto por meio de Moisés. Mas com quem se indignou por quarenta anos? Não foi porventura com os que pecaram, cujos corpos caíram no deserto? E a quem jurou que não entrariam no seu repouso senão aos que foram desobedientes? E vemos que não puderam entrar por causa da sua incredulidade.» (Heb. 3:12-19).

Falta de fé é pecado

Falta de fé, descrença, é mais do que um infeliz estado de espírito. É pecado. A descrença anula o potencial das promessas de Deus. A descrença obstrui o canal da bênção. Os ressequidos ossos de inúmeros israelitas assinalaram as tortuosas vagueações do infiel povo de Deus no deserto e constituíram um silencioso testemunho da tragédia da sua falta de fé. «Sem fé é impossível agradar a Deus». (Heb. 11:6).

Não tiraremos proveito da experiência de Israel a não ser que a apliquemos à situação presente dos nossos próprios dias, porque «tudo isto lhes sobreveio como figuras e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos». (1 Cor. 10:11).

«Muitos consideram os israelitas daquele tempo, e admiram-se da sua incredulidade e murmuração, achando que, se estivessem estado em lugar deles, não teriam sido tão ingratos; mas quando a sua fé é provada, mesmo com pequenas aflições, não manifestam maior fé ou paciência do que fez o antigo Israel.» — *Patriarcas e Profetas*, p. 314.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm provas suficientes, tal como o antigo Israel, de que Deus é o Seu Guia. Ele propõe-se demonstrar através da Sua igreja numa era de ceticismo, o Seu maravilhoso poder de salvar. «Únicamente aos que esperam humildemente em Deus... é concedido o Espírito. O poder de Deus aguardam que o peçam e o recebam». — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 502. Ele colocou à nossa disposição grandes e preciosas promessas, o infinito dom do Espírito Santo, e um dilúvio de luz para que possamos estar à altura das suas expectativas.

Temos nós a fé para lançar mão das promessas de Deus porque não estamos dispostos a preencher as condições que asseguram o seu cumprimento? Isto é uma pergunta que não pode fugir a igreja remanescente.

Israel falhou, porque depois de ouvir a desafiadora palavra que os intimava à fé, eles recusaram crer. A palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram.» (Heb. 4:2).

A fé que agrada a Deus, a fé que fará do povo de Deus testemunhas eficientes e poderosas, é mais do que «mero assentimento espiritual à verdade... A fé salvadora é um ajuste pelo qual aqueles que recebem a Cristo se unem a Deus em concerto». — *Ibid.*, p. 256. Envolve completa renúncia ao eu e ao que podemos fazer, e é uma absoluta dependência diária de Deus e do que Ele somente pode fazer. A fé salvadora conduz à obediência de todo o coração e à entrega completa.

Conta-se que quando John G. Paton, o missionário pioneiro das Ilhas do Mar do Sul, estava trabalhando na sua tradução do Novo Testamento para um dialecto local, não conseguia encontrar a palavra ou frase que descrevesse fé. Já quase desistira, desesperado, quando um dia um dos seus assistentes da ilha chegou a casa depois de ter trabalhado no jardim. Ao sentar-se, cansado do seu esforço, ele disse uma palavra que significava: «Estou descansando todo o meu peso aqui». «É a palavra que eu quero!» exclamou Paton. «Fé é descansar todo o nosso ser em Jesus Cristo e na Sua Palavra».

Conhecer por Experiência

Esta é a fé que temos de conhecer por experiência. Esta é a espécie de fé que caracterizava os cristãos primitivos, que os fez «mais que vencedores». A sua fé era uma vivência, uma realidade e não uma teoria, pois a haviam experimentado.

Ellen White fala-nos individualmente quando diz: «Uma fé nominal em Cristo... não pode nunca trazer cura à alma». — *Ibid.* Falhar em compreender como exercitar a verdadeira fé deixa-nos espiritualmente débeis e presa das tentações de Satanás. Pela falta de fé muitos têm bem pouca paz.

Mas, graças a Deus, tal experiência não precisa de ser a nossa. Tão-pouco precisamos de estar ligados ao nosso passado individual ou a velhos fracassos e erros. Mesmo agora a mão da fé pode estender-se e apoderar-se das promessas; preciosas promessas de perdão, justificação, santificação. Pela fé, podemos desfrutar agora de poder vencedor. «Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé». (1 João 5:4).

Como se desenvolve a fé

Como um cristão desenvolve a fé? Uma parte vital da resposta a esta pergunta é tomar a Deus pela Sua palavra e estudar a Sua Palavra. Se somos sérios acerca de reavivamento, reforma e viver vitorioso, temos de dar-nos completamente ao estudo dessa Palavra. Porque «a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus». (Rom. 10:17). Devemos estar prontos a gastar longas horas de joelhos com as nossas Bíblias abertas, suplicando a direcção do Espírito Santo em verdade e fé. Ao apreendermos mais e mais o significado da Palavra, ao encher os nossos corações e mentes com a Sua verdade e poder, a nossa confiança em Deus e nos Seus caminhos aumentará. Desviaremos o nosso olhar do nosso fraco e ineficiente eu para olhar o Salvador Todo-Poderoso, cuja justiça é a nossa fé.

Os nossos tempos exigem uma forte fé em Deus e na Bíblia. O que é dito de Abraão, deve ser dito de cada filho de Deus nestes dias finais: «Não duvidou da promessa de na fé, dando glória a Deus e estando certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para o fazer. Pelo que isso lhe foi também imputado como justiça». (Rom. 4:20-22).

Quando consideramos o assunto da fé, vem muitas vezes à nossa mente a questão das obras. Através da era cristã o pêndulo oscilou ora para um lado ora para o outro, alcançando por vezes posições extremas entre estas duas facetas do viver cristão. Por vezes e por algumas pessoas a fé foi ensinada de tal maneira que menosprezava o lugar das obras. Outras vezes as boas obras foram proclamadas como factor importante, acrescentando mérito e categoria ao crente.

Há muitos anos, quando um dos nossos populares evangelistas apresentava a fé como se lançasse difamação sobre as obras, Ellen White deu-lhe este conselho: «Repetíeis várias vezes que as obras de nada valiam, que não havia condições... Afirmas esta questão com vigor exagerado. Há condições para recebermos justificação e santificação, e a justiça de Cristo. Sei o que quereis dizer, mas deixais uma impressão errada nos espíritos. Conquanto as boas obras não salvem alma alguma, é impossível que uma única alma se salve sem as boas obras. Deus nos salva sob uma condição: que peçamos, se queremos receber; busquemos se queremos; e batamos se queremos que a porta se nos abra.» — *Mensagens Escolhidas*, L 1, p. 377. «Mas embora Cristo seja tudo, devemos inspirar todo o homem a uma diligência incansável. Devemos porfiar, lutar, afligir-nos, vigiar e orar para não sermos vencidos pelo astuto inimigo. Pois o poder e a graça com os quais isto podemos fazer vêm de Deus, e todo o tempo devemos confiar n'Aquele que pode salvar perfeitamente a todos os que por Ele se chegam a Deus. Não deixeis nunca em vossa mente a impressão de pouco ou nada a fazer da parte do homem; ensinaí antes ao homem a cooperar com Deus, que assim poderá ter êxito em vencer... Esforço e labor são necessários da parte do recebedor da graça de Deus; pois é o fruto o que torna manifesto qual a espécie de árvore». *Ibid.*, p. 481, 382.

Na fé de que precisamos, uma fé que confia na Palavra dada por Deus, há um forte elemento de obediência. Centralizada em Jesus, esta fé é mais do que um exercício intelectual. É uma força vital, impelente, que opera através do amor e cujo resultado é as «boas obras».

As Lições de Israel não são todas Negativas

As lições que a história de Israel tem para nós não são todas negativas. Há também

nelas encorajamento. Não devemos esquecer que o Senhor conduziu Israel pela segunda vez à fronteira de Canaã. E a mesma espécie de cidades muradas e fortalezas inexpugnáveis que se erguiam entre o povo de Deus e a Terra Prometida quando pela primeira vez se encontraram perto da fronteira, os confrontaram também na segunda vez. A raça de gigantes que encontram ali na primeira vez, ainda ali vivia quarenta anos mais tarde. Humanamente falando, era tão impossível para os israelitas, tão mal equipados, tão inexperientes na ciência militar, competir com o poderoso inimigo aparentemente tão irresistível desta vez como da primeira. Mas desta vez a fé fez a diferença. «Em tudo contavam com Seu onnipotente braço, e Ele não os desamparou. Nem poderosos gigantes, nem cidades muradas, nem exércitos armados, nem pétreas fortalezas poderiam subsistir perante o Capitão das hostes do Senhor. O Senhor guiou o exército; o Senhor desbaratou o inimigo; o Senhor venceu em prol de Israel». — *Patriarcas e Profetas*, p. 476.

O povo remanescente de Deus não entrará na Canaã celestial até aprender completamente esta lição. Cada crente deve experimentar o impacto da fé que leva das terras baixas da dúvida e incredulidade às terras altas da vida cristã triunfante. O agente humano tem de fazer a sua parte. «A fé é dom de Deus, mas o poder de exercê-la é nosso». *Ibid.*, p. 431. Ao exercitarmos a fé ela aumentará. Nova vida e vitalidade e poder derramar-se-ão na igreja. «Ante os reclamos da fé, os obstáculos postos por Satanás, no caminho do cristão desaparecerão.» *Profetas e Reis*, p. 595. Haverá alegria e paz e uma profunda e permanente confiança. Daremos então com notável eficácia o nosso testemunho ao mundo.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm um forte sistema de verdade, doutrinal e profeticamente bem baseado na Bíblia. Pode provar-se que é intelectualmente honesto e convincente para aquele que aceita a Bíblia como a Palavra de Deus. Assim como o estudante da classe de Física ou Química escreve de maneira exacta a sua fórmula no quadro, assim podemos nós demonstrar aquilo em que cremos.

Mais do que uma fórmula

Mas escrever uma fórmula não é suficiente. Tem de ser tirada do quadro e provada em laboratório. Da mesma maneira as crenças que temos e que são susceptíveis

de demonstração têm de ser comprovadas nas vidas de todos nós que professamos crer nelas.

Assim, é nosso privilégio demonstrar agora, nestes dias finais, que as promessas de Deus são para nós hoje. A igreja remanescente é o cadinho no qual Deus deseja provar que a Sua fórmula para um povo vitorioso sobre o pecado resulta.

A previsão profética de que isto se realizará é absolutamente positiva e clara. Através de uma fé viva e activa o remanescente será identificado com o seu Senhor e Mestre até se tornar como Ele. Não é tarefa pequena a que tem lugar num tempo de

grande decadência espiritual, quando todo o mundo se maravilha após a besta e o maior enganoso sistema de adoração jamais inventado. João, o Revelador, contemplou este clímax do mistério da piedade; Cristo sendo glorificado nos Seus santos, ao resistirem eles a todos os assaltos à sua fé. Deles escreve: «Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus». (Apoc. 14:12). (A tradução Phillips diz: a fé em Jesus).

O poder que nos habilita a desfrutar dessa experiência espera por nós. Temos apenas de usar o canal da fé para que ele possa fluir em nossas vidas.



Terça-feira, 7 de Novembro de 1972

A DINÂMICA DA ORAÇÃO

H. Vogel

A vida de oração de um cristão é um índice da sua experiência com Deus. A oração é essencial para a vida espiritual. Se a ligação com o céu, que nos dá a oração, está interrompida, não pode haver qualquer crescimento espiritual. Sem oração o cristão desfalece e morre.

A oração tem sido chamada «a respiração da alma». Na respiração física os pulmões tomam fôlego no ar que está à nossa volta. Através do canal da oração nós recebemos, tal como se fosse ar espiritual — a graça, amor e poder de Deus com que estamos rodeados.

Se não respiramos, não podemos viver fisicamente. Se não orarmos, não podemos viver espiritualmente.

A despeito deste bem conhecido axioma da vida espiritual, muitos professos cristãos há que negligenciam 'respirar' profundamente e por isso não vivem vidas vigorosas, saudáveis. Porque passam tão pouco tempo em oração são cristãos fracos e atrofiados.

Aquele que fisicamente não respira de maneira apropriada não se pode desenvolver de maneira apropriada; não pode trabalhar bem; a sua mente não funciona da melhor maneira.

O mesmo acontece na vida cristã. A fé não pode tornar-se forte na ausência da oração. O conhecimento que para o cristão deve ser adquirido na atmosfera da fé e oração não será compreendido na sua verdadeira perspectiva sem oração.

Uma pessoa não pode esperar ser capaz de forte exercício físico se os seus pulmões não estão devidamente desenvolvidos. Do mesmo modo, o cristão não pode esperar fazer grandes coisas para Deus ou vencer fortes tentações se não desenvolveu a sua vida de oração.

A oração «é o segredo do poder espiritual. Nenhum outro meio de graça a pode substituir e ao mesmo tempo a saúde da alma ser conservada. A oração põe a alma em imediato contacto com a Fonte da Vida e fortalece os nervos e músculos da vida religiosa. Negligenciais o exercício da oração, ou a ela vos dediqueis de quando em quando, com intermitências, segundo pareça conveniente, e perdereis a vossa firmeza em Deus. As qualidades espirituais perdem sua vitalidade, a experiência religiosa carece de saúde e vigor». — *Mensagens aos Jovens*, p. 249. e 250.

Foi através da oração que o jovem Daniel viveu uma vida vitoriosa mesmo no meio da sedutora

influência das cortes de Babilónia. Ele orava «três vezes por dia — por graça divina para resistir ao apetite e paixão» (*Medical Ministry*, p. 114).

Referindo-se a Daniel e seus três companheiros, escreveu Ellen G. White: «Orando constantemente, estudando conscienciosamente e mantendo-se em contacto com o Invisível, andavam com Deus como andou Enoque». — *Profetas e Reis*, p. 486.

Orações que podem mover o céu

A verdadeira oração é o ponto de partida de um impulso que vem de Deus. Tal oração pode mover o céu. Foi através da oração que o profeta Elias foi capaz de realizar feitos notáveis para Deus. «A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos. Elias era um homem sujeito às mesmas paixões que nós, e, orando, pediu que não chovesse, e por três anos e seis meses não choveu sobre a terra. E orou outra vez, e o céu e a chuva e a terra produziram o seu fruto». (Tiago 5:16-18).

O segredo do poder de Elias na oração é revelado em *Profetas e Reis*, páginas 156 e 157. «Enquanto orava a sua fé alcançou as promessas do céu e agarrou-as; e perseverou na oração até que suas petições fossem respondidas. Ele não esperou pela inteira evidência de que Deus o ouvira, mas se dispôs a aventurar tudo ante o mais leve sinal do divino favor. E no entanto, tudo o que ele foi habilitado a fazer sob a orientação de Deus, todos podem fazer em sua esfera de actividade no serviço de Deus».

Quando compreenderemos, como devemos, que a oração é uma porta que nos pode dar acesso ao trono do céu e abrir-nos o ilimitado poder da onnipotência? Quando teremos nós o fervor, a perseverança, a fé na oração que esses homens tiveram, para que Deus possa fazer por nós e através de nós grandes coisas como fez por eles e através deles?

Alguns cristãos oram apenas quando se sentem dispostos a orar. Sentem que o caminho entre Deus e eles está aberto, que estão em ordem com Ele, que os seus impulsos são comandados por Deus, e por isso oram. Se não têm todo este sentimento, pensam que desce um véu entre eles e Deus e portanto Deus não pode ou não deseja ouvir e responder.

Ou então caíram em algum pecado que os faz sentirem-se culpados e indignos de se aproximar de Deus. Por isso, negligenciam orar.

Mas consultar sentimentos ou negligenciar orar porque pecámos é uma prática perigosa. É quando menos nos sentimos inclinados a orar que precisamos passar mais tempo em fervorosa oração, em vez de pouco ou nenhum. «Sem oração constante e diligente vigilância, estamos em perigo de cair na indiferença e de nos afastar do caminho. O adversário bem sabe que orações fervorosas, feitas

com fé, nos permitirão resistir às suas tentações. Por isso procura sem cessar obstruir-nos o caminho que nos conduziria ao trono da graça». — *Aos Pés de Cristo*, p. 102. «As trevas do maligno envolvem aqueles que negligenciam a oração». *Ibidem*.

Não devemos pois permitir que a nossa vida de oração dependa das nossas emoções, do mesmo modo que não permitimos que a nossa respiração física seja controlada pelas nossas disposições.

«Pela oração sincera somos postos em relação com a sabedoria infinita. Podemos não ter, no momento em que oramos, prova especial de que a face do Redentor se inclina sobre nós com amor e compaixão; mas na realidade assim é. Podemos não sentir o Seu contacto visível, mas Sua mão está sobre nós com amor e compassiva ternura». *Ibid.*, p. 105.

O supremo exemplo de oração

O supremo exemplo de uma poderosa vida de oração é a vida de oração de nosso Salvador. Os discípulos de Cristo vieram um dia ter com Ele e pediram: «Senhor, ensina-nos a orar». (Luc. 11:1). «Os discípulos haviam chegado a ligar essas horas de oração com o poder de Suas palavras e obras». — *O Maior Discurso de Cristo*, p. 90.

«Nenhuma outra vida já foi assoberbada de trabalho e responsabilidade como a de Jesus; todavia, quantas vezes estava Ele em oração! Quão constante a Sua comunhão com o Pai! Repetidamente na história da Sua vida terrestre se encontram registos como esses: 'Levantando-Se de manhã muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu e foi para um lugar deserto, e ali orava'. 'Ajuntava-se muita gente para O ouvir e para ser curada das suas enfermidades. Porém Ele retirava-Se para os desertos e ali orava'. 'E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus'» (Marcos 1:35; Lucas 5:15, 16; 6:12).

«Numa vida toda votada ao bem dos outros, o Salvador achou necessário afastar-se dos lugares movimentados e da multidão que O acompanhava, dia a dia. Precisava retirar-Se de uma vida de incessante actividade e contacto com as necessidades humanas para buscar sossego e ininterrupta comunhão com o Pai. Como uma pessoa identificada conosco, participante de nossas necessidades e fraquezas, dependia inteiramente de Deus e, no lugar oculto de oração buscava força divina, a fim de poder sair escudado para o dever e a provação». — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 269.

A vida de oração de Jesus foi um modelo para nós e para os Seus discípulos. Se aqueles que testemunharam o Seu exemplo o tivessem aprendido, não teriam mais tarde, no momento do Getsemane e do Calvário, decepcionado a Jesus e a si próprios. Poderiam ter permanecido ao lado de Jesus na

J. B. Phillips, autor de uma popular tradução do Novo Testamento, dá o seu testemunho quanto à vitalidade da Escritura no seu livro *Ring of Truth*. Neste volume em que testifica da sua própria experiência e descobertas durante o seu trabalho de tradução, declara ele: «Embora eu fizesse quanto me era possível para preservar uma separação emocional, descobri uma vez e outra que o material em minhas mãos era estranhamente vivo; falava à minha condição na mais severa maneira. Digo «severa» por falta de outra palavra melhor, mas para mim era uma experiência muito estranha sentir, não ocasionalmente mas quase continuamente, a qualidade viva daqueles estranhamente ordenados livros.» — Pág. 25.

Muitas histórias se têm contado para ilustrar como a Bíblia fala aos corações de todos, não importando qual seja a sua cultura, cor ou credo. Um missionário leu uma vez o primeiro capítulo de Romanos a um grupo de homens incultos, selvagens. Quando acabou a última parte, na qual o apóstolo descreve a corrupção dos pagãos dos tempos antigos, os ouvintes do missionário disseram: «O senhor escreveu isso para nós».

Há muitos anos um missionário na Índia contratou um indiano para o ajudar a traduzir uma parte da Bíblia numa das línguas da religião. Depois de ter lido o Novo Testamento pela primeira vez, o homem exclamou: «Quem quer que escreveu este livro, escreveu-o para mim. Conhece tudo o que está no meu coração. Diz-me o que mais ninguém pode saber a meu respeito. Quem quer que me fez, fez este livro».

Um livro que me compreende

Um interessante relato da descoberta que um homem fez da Bíblia é dada pelo francês Dr. Emile Cailliet, professor do Seminário Teológico de Princeton, no seu livro *Journey into Light*. Ali ele conta a sua busca de, empregando as suas próprias palavras, «um livro que me compreendesse». Não sabendo que tal livro existia, determinou-se a fazer ele próprio o seu livro. Assim, de tempos a tempos juntava passagens de várias origens mas que pareciam falar à sua condição.

Finalmente a sua tarefa ficou completada e ele sentou-se debaixo de uma árvore, num dia de sol, a ler o seu livro, para que ele o ajudasse nas suas necessidades. Mas ao lê-lo

começou a reparar que ele não falava absolutamente nada à sua condição.

Pelo tempo em que ele fazia essa descoberta, sua esposa trouxe para casa uma Bíblia que obtivera em circunstâncias fora do vulgar. O Dr. Cailliet descreve como ele literalmente arrebatou de repente o livro das mãos dela, correu para a quietude do seu escritório, abriu-o «por acaso» nas Bem-aventuranças, começou a ler e continuou a ler durante horas. Encontrara o Livro que o compreendia.

A Palavra viva de Deus pode também falar ao vosso coração e ao meu. Mas para o fazer, temos de escutá-la. Porque assim como um amigo não pode comunicar conosco se estamos ocupados com os nossos próprios pensamentos enquanto ele fala, assim Deus não pode falar-nos se apenas os nossos olhos mas não as nossas mentes estão nas Suas palavras.

Tão-pouco pode ele comunicar algo que valha a pena se nós abrirmos simplesmente a Sua Palavra e lermos uns breves textos, sem pensarmos realmente no que lemos. A mensagem de Deus para nós na Sua Palavra não se recebe através de leitura casual. Ele fala-nos apenas quando escutamos cuidadosamente a voz mansa e delicada.

Uma palavra de poder

A Bíblia está «cheia de poder».

O termo grego de Hebreus 4:12 traduzido por «cheio de poder» na versão que citamos tem também o significado de «activa», «enérgica», «eficaz». Isso existe na Bíblia cujas palavras trabalham activa, enérgica e eficazmente, com poder, nas vidas dos homens e mulheres para as transformar. «Implantando-lhes no coração os princípios de Sua Palavra, o Espírito Santo desenvolve nos homens os predicados de Deus». — *Parábolas de Jesus*, p. 414. «Aquela Palavra... tem sobre o coração humano o poder de endireitar o homem e assim o conservar». — *Testemunhos para Ministros*, p. 81.

Um homem pode viver a cem metros de uma grande central eléctrica, mas não terá energia eléctrica se não estiver ligado a ela. E vós e eu podemos ter uma dúzia de traduções da Santa Palavra de Deus em nossa casa, mas não receberemos delas qualquer poder transformador a menos que receba-

mos às suas palavras em nossas mentes e permitâmos que trabalhem em nosso coração.

A Palavra de Deus aceite na mente e no coração transforma o carácter. Disse Jesus: «Santifica-nos na verdade; a Tua Palavra é a verdade». (João 17:17). «Recebido no coração, o fermento da verdade regulará os desejos, purificará os pensamentos e dulcificará a índole. Vivifica as faculdades do espírito e as energias da alma. Aumenta a capacidade de sentir, de amar». — *Parábolas de Jesus*, p. 101.

O escritor do nosso texto continua explicando como a Bíblia opera manejada pelo Espírito Santo. Sendo um instrumento «mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, [a Palavra] penetra até à divisão da alma e do espírito e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração». A última frase é talvez uma explicação da precedente.

Palavras que penetram

As palavras da Bíblia penetram até às mais recônditas profundezas do coração e mente do homem. Despertam a consciência e levam a pessoa ao lugar da decisão.

O termo grego traduzido por «espada» é também empregue às vezes como «faca».

O Espírito Santo não usa a Palavra de maneira descuidada, ao acaso. Com infinita habilidade e precisão, a Palavra é usada pelo Espírito com compassivo cuidado pelo bem estar do doente. Como um aguçado instrumento cirúrgico é usado para penetrar em cada área do carácter e personalidade. Aqui põe a descoberto um quisto de cobiça; ali um fraco tendão impedindo uma entrega pessoal completa. Aqui descobre uma perigosa obstrução causada pelo orgulho; ali um aneurismo de génio, uma fraqueza de um carácter crítico que pode um dia entrar em erupção e destruir a vida espiritual.

A Palavra pode não ser apenas comparada com o bisturi de um cirurgião para expôr e extirpar o pecado de nossas vidas. Ela é também a espada com que podemos pôr em fuga o inimigo. Neste ponto nós não compreendemos como devíamos o poder da «espada do Espírito». Precisamos reconhecer a eficácia dessa arma como fez Cristo, porque quão notavelmente Ele a usou para derrotar o maligno! Escrevendo acerca da

tentação que Satanás apresentou a Jesus no deserto para ganhar o mundo com a simples adoração do maligno, Ellen White diz que Jesus «sentiu a força dessa tentação, mas em nosso favor resistiu-lhe e venceu. E Ele só Se serviu das armas que os seres humanos estão em condições de usar». — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 255. Que arma era essa? A Palavra de Deus; «Está escrito». Ele derrotou o inimigo com essa arma apenas. Cada vez que enfrentava a tentação com as Escrituras, como sempre fazia, Satanás recebia nova derrota.

Eis um facto que não devíamos deixar escapar da nossa mente. Cristo venceu pelo poder da Palavra. Se Ele que é o nosso Capitão e Exemplo citou a Bíblia com êxito derrotando Satanás, nós devíamos tornar-nos mais eficientes do que somos no manejo dessa mesma arma. E devíamos usá-la mais frequentemente do que o fazemos no combate contra o pecado, sejam a sua origem interior ou exterior.

Um desejo de poder

Como indivíduos e como a igreja, sentimos a necessidade de maior poder espiritual. Desejamos isso em nossas vidas e na igreja, para vencer o pecado, para testemunhar da verdade a outros e para terminar a comissão evangélica. A Palavra de Deus é o meio através do qual este poder pode vir até nós. «A Palavra de Deus — a verdade — é o conduto pelo qual o Senhor manifesta o Seu Espírito e poder». — *Actos dos Apóstolos* p. 520. «A Palavra do Senhor é a palavra de poder infinito, com o qual podeis contar». — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 328. «Deus pode realizar e realizará uma grande obra em cada ser humano que abrir o coração à Palavra de Deus e deixar que ela entre no templo da alma e expulse todo o ídolo... A palavra foi feita carne e habita entre nós, naqueles que recebem os preceitos sagrados da Palavra de Deus». — *Fundamentals of Christian Education*, p. 378.

A Bíblia, o canal através do qual podemos receber poder espiritual, está ao nosso alcance. Aproximemo-nos dela mais frequentemente do que o fazemos, com coração e mente abertos, sinceramente, receptivamente e com oração. Demos a Deus a oportunidade de derramar em nossas vidas o poder de que tanto precisamos. Encontremos, através da Sua Palavra, as verdadeiras dinâmicas do viver cristão.

O DERRAMAMENTO DO PODER Elbio Pereyra

Jesus Cristo confiou à Sua Igreja a grande responsabilidade do seu êxito final. Para que a igreja pudesse ter êxito, o Senhor deu aos Seus discípulos o programa que deviam seguir. Encontramos a síntese das Suas instruções nos Evangelhos e nos Actos dos Apóstolos. Chamamos-lhe o evangelho da comissão.

O Novo Testamento contém demonstrações práticas de como o programa de Cristo deveria ser levado a cabo. Observamos o Seu exemplo como evangelista. Os Seus métodos não podem ser ultrapassados. Lemos a seguir acerca do modo como trabalharam os Seus discípulos. Pelo facto de terem recebido o Seu poder e de terem seguido fielmente as indicações dadas pelo Senhor, eles experimentaram uma notável sequência de êxitos. Três mil foram baptizados num dia quando os discípulos começaram a levar avante a sua comissão, e «muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos». (Act. 2:41, 43).

Outros cinco mil foram em breve agregados (cap. 4:4). Jerusalém encheu-se com a doutrina de Cristo (cap. 5:28). «Grande parte dos sacerdotes obedecia à fé». (cap. 6:7). Com o passar dos tempos as igrejas aumentaram diàriamente em número (cap. 16:5), e milhares de judeus creram no evangelho (cap. 21:20).

Assim como os primitivos discípulos deram testemunho no poder do Espírito Santo, assim devemos nós testemunhar no nosso tempo. Este testemunho não deve ser só em palavras, mas também através das nossas vidas.

Testemunho calmo mas dinâmico

Um casal adventista convidou um dia seus jovens vizinhos — marido e mulher — a assistir a uma reunião em que era orador E. L. Minchin. Eles pertenciam a outra igreja, mas ficaram grandemente impressionados. Em resposta ao apelo para dedicar suas vidas ao Senhor, eles não puderam resistir ao impulso de ir à frente com os outros. Foi meu privilégio visitar este casal alguns dias mais tarde. Depois dos cumprimentos habituais, a esposa expressou seus sentimentos nestas palavras: «Pastor, se nos veio visitar com o propósito de fazer-nos mudar de religião, perde o seu tempo.

Não temos intenção de mudar um dia de religião.» A seguir, depois de uns breves momentos, acrescentou de maneira pensativa: «Mas se a religião de nossos vizinhos que nos levaram outro dia àquela reunião é a razão das vidas que eles vivem, então tenho de admitir que há algo nos adventistas que nós não temos na nossa igreja». Esta senhora e seu marido foram mais tarde baptizados em grande parte devido ao testemunho calmo mas dinâmico de seus amáveis e bondosos vizinhos verdadeiramente cristãos.

Muitas novas e populares versões da Bíblia se têm produzido nestes últimos anos. As ideias bíblicas têm sido expressas em linguagem moderna e algumas versões são mesmo ilustradas, não pela pena de um artista, mas pelas vidas dos seus crentes. A serva do Senhor diz: «O evangelho tem de ser apresentado não como uma teoria sem vida, mas como uma força viva para transformar a vida. Deus deseja que os que recebem Sua graça sejam testemunhas do poder transformador da mesma». — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 612.

O mundo está-nos observando, talvez para nos criticar. Mas, de qualquer modo, está-nos olhando para ver se vivemos de acordo com os ensinamentos da Bíblia, que professamos aceitar como norma de viver. Eis uma razão porque não podemos falhar, mesmo nos mais pequenos pormenores. Podem perdoar-se facilmente graves faltas dos que vivem de acordo com uma filosofia materialista. Mas haverá um dedo acusador apontado para nós se vivermos abaixo das normas que deviam reger as nossas vidas. Por outro lado, se vós e eu formos coerentes em viver a nossa mensagem, poderemos através do nosso exemplo interessar outros no nosso Salvador. «A piedade dos cristãos constitui a norma pela qual os mundanos julgam o evangelho». — *Patriarcas e Profetas*, p. 143.

«Os filhos de Deus são chamados a ser os representantes de Jesus Cristo, a manifestar ao mundo a bondade e a misericórdia do Senhor. Como Cristo nos revelou o verdadeiro carácter do Pai, também nós devemos manifestá-lo aos que não conhecem o Seu terno e compassivo amor... Em cada um de Seus filhos Jesus envia uma carta ao mundo. Se sois Seus discípulos, sois a carta que Ele envia à família a que pertenceis, à cidade, à rua onde morais. Por vós, Jesus deseja falar

ao coração daqueles que O não conhecem. Talvez não leiam a Bíblia, ou não escutem a voz que lhes fala em suas páginas; talvez não vejam o amor de Deus manifestado em Suas obras. Mas se sois um fiel representante de Jesus, é possível que, por meio de vós, sejam levados a compreender algo de Sua bondade, a amá-l'O e a servi-l'O». — *Aos Pés de Cristo*, p. 125.

Que responsabilidade e que repto recebemos de Jesus! Chamou-nos a ser Suas testemunhas e pôs à nossa disposição todos os recursos necessários para o representar. Deu-nos o Espírito Santo, o auxílio dos anjos, as verdades da Palavra e outras facilidades para que possamos reflectir realmente o Seu carácter.

A ideia de dar testemunho pessoal é devidamente exemplificada pela maneira como os apóstolos proclamaram o evangelho. Eles conheceram pessoalmente a Jesus e ao Seu evangelho. Na sua pregação não havia teorias especulativas. Não se limitavam a apresentar qual era o pensamento de Deus para as suas vidas, mas mostravam Deus operando em suas vidas. Não se limitavam a falar de uma doutrina de salvação; apresentavam-se a si próprios transformados e salvos. De Pedro, João e Paulo, Nietzsche não teria tido necessidade de dizer: «O que estes cristãos devem é mostrar que estão redimidos para que eu creia no seu Redentor».

Ter presente uma salvadora energia

Uma salvadora energia estava presente na pregação e testemunho pessoal destes homens, porque estavam cheios do Espírito Santo. O mundo em que viviam e trabalhavam era um testemunho às suas obras, que, por sua vez, era o resultado da operação de Cristo através deles.

Em Marcos, capítulo cinco, encontra-se o relato da confrontação de Jesus com uma legião de demónios que haviam tomado posse de um homem. O homem vinha dos túmulos. Tinha ainda presos às mãos e pés bocados da corrente com que fora acorrentado, mas que ele quebrara. Sua carne estava coberta de cicatrizes causadas pelos golpes que ele se fizera com pedras. Parecia tão feroz como qualquer animal selvagem. Espumando de raiva, aproximou-se do Salvador.

Parece que este homem compreendia vagamente que Jesus podia salvá-lo dos demónios que o possuíam. Caiu aos pés de Jesus. Mas quando abriu a boca foram os demónios que falaram e não ele. Então, Cristo ordenou aos demónios que o deixassem e imediatamente este endemoninhado ficou em seu perfeito juízo. Os olhos que momentos antes revelavam loucura, brilhavam agora com inteligência. A raiva tornou-se em linguagem de louvor.

Cheio de gratidão para com Jesus por causa da sua libertação, rogou que lhe fosse permitido ficar com o Senhor. Mas Jesus disse: «Vai para tua

casa, para os teus, e anuncia-lhes quão grandes coisas o Senhor te fez e como teve misericórdia de ti». (Marcos 5:19). «E ele foi e começou a anunciar em Decapolis quão grandes coisas Jesus lhe fizera.» (v. 20). Esse homem tinha uma linguagem dinâmica, que brotava da sua própria experiência. «E todos se maravilhavam». Como resultado, mais tarde, ao passar Jesus por aquela região, «o povo aglomerava-se ao Seu redor e durante três dias, não somente os habitantes de uma cidade, mas milhares de toda a região circunvizinha, escutaram a mensagem de salvação». — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 252.

O ponto alto da vida deste homem foi o seu encontro com Cristo. Foi decisivo para ele. É isto que vós e eu precisamos de ter — um encontro decisivo com Jesus, que resulte numa transformação das nossas vidas, conquanto não estejamos na terrível condição desse homem, todavia, demasiado frequentemente, pecados de toda a espécie impedem-nos e incapacitam-nos de testemunhar tão eficaz e convincentemente quanto precisávamos de fazer. Porque não é uma questão de comunicar apenas informação. *Temos de comunicar uma experiência* com uma convicção e poder que são nossos através do Senhor Jesus Cristo.

Para que a igreja possa dar hoje um testemunho dinâmico precisa de mais jovens que tenham tal experiência para comunicar. A igreja necessita de jovens leais que operam uma verdadeira reforma e reavivamento tanto na igreja como fora da igreja. Está em necessidade de jovens activos, que não estão satisfeitos com a mediocridade, que não se contentam com uma simples análise dos sintomas. A igreja precisa de jovens que reconheçam que a raiz dos grandes problemas do tempo presente é o pecado e que se tenham eles próprios encontrado com Jesus e estejam cheios do Espírito Santo.

Satanás está arregimentando um grande exército de jovens sob a sua bandeira para guerrear contra Deus. Ele conhece demasiado bem a força, o vigor e a influência da juventude. Jesus está também chamando voluntários que queiram alistar-se sob o estandarte tinto com o sangue redentor do Seu grande sacrificio de amor. «A igreja enlanguece por falta do auxilio de moços que dêem corajoso testemunho e, com zelo ardente, estimulem as energias entorpecidas do povo de Deus, aumentando assim o poder da igreja no mundo. Necessitam-se jovens que resistam à onda de mundanidade e ergam uma voz de advertência contra o dar os primeiros passos na imoralidade e no vício». — *Mensagens aos Jovens*, pp. 24 e 25.

A juventude de que a igreja precisa não é só aquela que tem uma profunda e dinâmica experiência pessoal com Jesus; precisa também dos que têm um sólido conhecimento das verdades em que cremos. Escrevo isto por experiência pessoal.

Tornei-me adventista quando era jovem e depois de uma grande crise pessoal. Tinha apenas 18 anos.

Embora eu amasse a minha igreja, não tinha uma verdadeira relação pessoal com Cristo. Compreendia algo das suas doutrinas, mas não possuía um sólido fundamento. Andei então envolvido numa discussão com um jovem seminarista e os meus argumentos foram completamente derrubados porque não estavam suficientemente apoiados pela Palavra. Como resultado as minhas crenças foram severamente abaladas.

Compreensão através da experiência

Saí dessa experiência para olhar para o meu Senhor. Sòzinho com Ele, com lágrimas e orações, estudei as Escrituras e o Senhor guiou-me a uma firme convicção da verdade. Foi então que compreendi a obra da graça, a justificação pela fé e as muitas outras preciosas verdades. Deste modo tornei-me firme na fé.

Antes eu não tinha podido testemunhar da verdade porque não a tinha experimentado pessoal-

mente. Uma testemunha cristã declara o que conhece experimentalmente. Quão necessário é pois um encontro pessoal com o Senhor! Quão extremamente necessário é que tenhamos uma experiência com o nosso Senhor, um conhecimento da Sua verdade e do Seu poder nas nossas vidas para fazer o trabalho que Ele nos deu. O mundo precisa de cristãos autênticos com um autêntico testemunho cristão. Não desejamos nós, tanto jovens como os de mais idade, que ouvimos ou lemos estas palavras, dar este testemunho? Como o Pai, e os habitantes dos mundos não caídos devem ansiar que demonstremos o poder redentor de Deus a este rebelde e pecaminoso mundo! Como devem anelar ver-nos revelar o amor d'Aquele que veio ao nosso mundo e viveu para elevar a nossa raça!

Que o Senhor nos transforme em poderosas testemunhas para que através da inspiradora e dinâmica mensagem das nossas vidas o mundo possa ver a beleza da salvação.



Sexta-feira, 10 de Novembro de 1972

O PODER DA ADORAÇÃO

R. R. Bietz

Tendo terminado o culto, os pais de Tomázinho tinham pressa de ir para casa. Tomázinho, porém, ia ficando para trás, olhando em volta da igreja. Procurando apressá-lo, ficaram atónitos com a sua resposta: «Eu ainda não vi a Deus». Surpreendidos embora com essa resposta, eles sentiram-se um tanto recompensados também. Muitas vezes lhe tinham dito que as pessoas vão à igreja para ver a Deus. Ele crera na sua palavra. Nós adoramos para ver a Deus.

Claro que não falamos familiarmente com Deus no santuário da igreja. Onde quer que adoremos a Deus, seja na Casa do Senhor, no altar da família, no lugar secreto, ao andarmos pelas ruas, enquanto viajamos de carro, onde quer que nos encontremos, devia ser sempre com o desejo de ver a Deus.

«Felizes os que possuem um santuário, luxuoso ou modesto, seja no meio de uma cidade ou entre as cavernas das montanhas, no humilde aposento particular ou nalgum deserto. Se for esse o melhor lugar que lhes é dado arranjar para esse fim, Deus o santificará pela Sua presença e será santidade ao Senhor dos exércitos». Testemunhos Selectos, vol. II, p. 194.

A mulher de Samaria encontrou Jesus junto ao poço de Jacob e perguntou-lhe: «Nossos pais adoraram neste monte [Monte Gerisim], e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adoreis o Pai... Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o

Pai em espírito e em verdade: porque o Pai procura a tais que assim O adorem em espírito e em verdade». (João, 4:20, 23, 24).

Durante esta Semana de Oração é especialmente apropriado que salientemos as bênçãos que os cristãos receberão se participarem numa adoração em conjunto. Estes momentos de comunhão oferecem-nos a oportunidade de conhecer o poder que está ao alcance de crentes unidos em oração. Embora possamos adorar a Deus em qualquer lugar e em qualquer tempo, a casa do Senhor é dedicada como lugar especial de adoração e intercessão. Há poder numa igreja que ora.

Muitas pessoas têm sido libertas da escravidão do pecado porque cristãos se reuniram e uniram em oração para libertar o cativo. A Palavra de Deus dá provas convincentes de que quando o povo de Deus está unido em oração grandes coisas são realizadas. Fazemos bem em passar muito tempo em oração secreta, mas isto não é suficiente, porque «nenhum homem é uma ilha», nenhum homem vive por si só. Precisamos uns dos outros.

A música é uma parte integral do culto de adoração e devia ser uma grande bênção espiritual para cada membro. «A música faz parte do culto de Deus nas cortes celestiais, e deveríamos esforçar-nos em nossos cânticos de louvor por nos aproximarmos tanto quanto possível da harmonia dos coros celestiais. — *Patriarcas e Profetas*, p. 662. Ao nos unirmos sinceramente à congregação para cantar «Louvemos o Rei, Glorioso Senhor, Oh, vamos cantar, O seu infinito amor», a nossa alma é desperta e elevada até à própria presença de Deus.

O cristão não só encontra vigor espiritual ao adorar em oração e cântico mas mais especialmente ao ouvir a proclamação da Palavra do Deus Vivo. Cada parte do serviço de adoração devia preparar o coração para receber as bênçãos prometidas pelo Espírito Santo. «Quando Cristo fala por intermédio do ministro, o Espírito Santo prepara o coração dos ouvintes para receber a palavra». — *Obreiros Evangélicos*, p. 155. Mais de uma pessoa tem entrado na casa do Senhor desanimada e angustiada. Depois de ouvir a palavra de Deus e ser envolvida pelo Espírito Santo tem encontrado nova esperança e fé. O adorador aceitou o convite: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei» (Mat. 11:28) e seu perturbado coração encontrou a paz.

A luz do pregador

«A Palavra de Deus é a luz do pregador, e conforme o óleo de ouro flui das oliveiras celestiais para o vaso, faz com que a lâmpada da vida brilhe com uma clareza e poder que todos discernirão. Aqueles que têm o privilégio de ficar sob tal ministério, se seu coração for susceptível à influência do Espírito Santo, sentirão vida interior. O fogo do amor de Deus dentro deles se acenderá». — *Testemunhos para Ministros*, p. 340.

No culto em conjunto há cerimónia, ordem e decoro. Deus não é honrado pela confusão. Todavia nossos bem organizados e sistemáticos serviços deveriam deixar lugar para a espontaneidade. Se um membro é movido pelo Espírito a dizer *Amen* é incomodativo ver alguns na congregação voltarem-se para trás com sobrancelhas arqueadas mostrando o seu aborrecimento.

No culto de dedicação do templo de Salomão havia ordem mas havia também exclamações espontâneas de louvor. «E sucedeu que saindo os sacerdotes do santuário... e os levitas, cantores... vestidos de linho fino, com címbalos e com alaúdes, e com harpas, estavam em pé para o oriente do altar; e com eles até cento e vinte sacerdotes que tocavam as trombetas... E levantando eles a voz com trombetas e címbalos e outros instrumentos musicos, e bendizendo ao Senhor, porque era bom, porque a Sua benignidade durava para sempre, a casa se encheu de uma nuvem, a saber, a casa do Senhor». (2 Crón. 5:11-13). Depois da oração de Salomão a glória do Senhor encheu o templo e houve por parte do povo uma exclamação espontânea de louvor e «encurvaram-se com o rosto em terra sobre o pavimento, e adoraram e louvaram ao Senhor: porque é bom, porque a Sua benignidade dura para sempre». (cap. 7:3).

Cântico espontâneo

Creio que na Nova Terra haverá muito cântico espontâneo. A ordem e as formas são necessárias, mas não determinam a qualidade do nosso louvor a Deus. Se o culto será ou não uma grande bênção depende mais do adorador individualmente do que dos moldes que o culto possa tomar. Alguém disse: «Não importa quão elaborado seja o planejamento de um culto, não importa quão bela seja a música, não importa

quão familiares e favoritos sejam os hinos, não importa quantas «boas pessoas» estejam presentes, não importa quão esplêndida seja a pregação, se o adorador não trazer consigo algo do desejo de louvar a Deus, ou se ele não for estimulado pela memória e lembrança para louvar a Deus, a adoração é impossível. O que fizermos pode parecer bom, mas interiormente será vazio e sem significado». — *Pulpit Digest*, Janeiro de 1972.

Uma outra grande bênção da adoração é a meditação. Muitos de nós têm ainda que aprender a adorar em silêncio. Poder-se-ia desejar que todos tivessem o hábito de baixar as suas cabeças quando entram no santuário, oferecendo uma oração silenciosa e lendo a Palavra de Deus até o serviço começar. Mas nós somos um povo que se acotovela, um povo ruidoso, correndo de um lado para o outro para «acabar o trabalho» e não paramos o tempo suficiente para ganhar iluminação espiritual através da meditação. Temos ainda que aprender a aquietar-nos e saber que há Deus. Faríamos bem em recordar a experiência de Elias no Monte Horeb (1 Reis 18:8-11). Um forte vento fendeu os montes. Quebrou as rochas em bocados. O Senhor não estava no vento. Depois a terra pôs-se a tremer em razão de um terramoto, mas o Senhor não estava no terramoto. A seguir veio um fogo, mas também ali não se encontrava o Senhor. Depois de todo aquele barulho e confusão, ouviu-se uma voz mansa e delicada. Agora o Senhor estava a falar e Elias ouviu atentamente.

Muitas vezes não conseguimos ouvir essa voz mansa e delicada na igreja porque há demasiados ruídos.

Na adoração em conjunto deve haver participação individual não somente no cântico, na oração e meditação, mas também em testificar da bondade de Deus. Eu cresci numa igreja em que o culto incluía activa participação por parte da congregação em serviços de louvor e oração. Isso era feito regularmente cada semana. As fervorosas orações e testemunhos fizeram uma impressão duradoura na minha mente. Ouvi membros, incluindo meus pais, consagrarem as suas vidas na presença de toda a congregação. Esta busca do auxílio de dois irmãos abriu muitas vezes os celeiros do céu. Os corações eram unidos através do derramamento do Espírito Santo. Não há dúvida de que os membros presentes encontraram grande força e conforto ao apresentar as suas necessidades ao Senhor.

Escrevendo acerca de tais reuniões, a mensageira do Senhor diz-nos: «Reunimo-

-nos para mutuamente nos edificarmos com a permuta de ideias e sentimentos; para obtermos virtude, luz e alento pela consideração de nossas esperanças e aspirações comuns; para haurirmos nova força e vigor da Fonte do poder mediante orações feitas com fervor e devoção. Essas reuniões devem, pois, ser ocasiões sumamente preciosas e tornar-se atraentes a todos os que tomem prazer nas coisas de religião». — *Testemunhos Selectos*, Vol. I, p. 274.

Se não podemos ter serviços de testemunhos e oração no Sábado às 11 horas, porque não assistimos às reuniões do meio da semana e não fazemos delas a grande festa espiritual da semana? Talvez que já não tenhamos tempo porque estamos tão ocupados com coisas materiais. Não seria agradável a Deus se aqui e agora nós fizéssemos o voto de assistir doravante à reunião de oração?

Claro está que sem planeamento e execução apropriada a reunião do meio da semana pode ser tão inútil como um velho catálogo ou um cartão de Boas Festas fora da data. Pode ser a maior e a mais poderosa força para manter os membros de igreja marchando em direcção à Canaã celestial. Nestes dias de pressão e violência, porque não encontramos nós mais alegria em nos reunirmos para louvar ao Senhor pela Sua bondade?

É-nos dito pela mensageira do Senhor: «Cada inteligência espiritual está interessada nas assembleias dos santos que na terra se reúnem para adorar a Deus. Nas cortes do Céu eles ouvem o testemunho das testemunhas de Cristo na terra e o louvor e acção de graças dos adoradores daqui de baixo é levado acima à antífona celestial e louvor e regozijo ressoam através das cortes celestiais porque Cristo não morreu em vão pelos caídos filhos de Adão». — *Testimonies*, vol. 6, p. 366.

Embora a adoração seja de grande importância e não deva ser negligenciada, nunca se deve limitar ao templo. Devíamos viver sempre numa atmosfera de oração. A vida cristã é adoração. Há alguns anos, quando vim pela primeira vez para a cidade de Los Angeles, fiquei apavorado com a ideia de conduzir no tráfego da cidade. Custava-me a suportar os sinais luminosos vermelhos. Era uma grande mudança depois de ter conduzido na área rural de South Lancaster, no Massachusetts. Frequentemente então carregava no acelerador na esperança de passar antes que a luz amarela me fizesse abrandar.

A solução para o meu problema encontrou-se na descontração e em fazer uma breve oração cada vez que a luz vermelha me obrigava a parar. Foi surpreendente quão rapidamente desapareceu a minha frustração. Eu podia inclusivamente agradecer a Deus pelo sinal vermelho. Mesmo em breves segundos, numa movimentada rua, pode elevar-se o coração a Deus em louvor e acção de graças. Descobri que algumas luzes vermelhas dão tempo para se repetir um texto ou dois, tais como: «Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei».

Adoração no Altar da Família

Uma das maiores bênção da adoração é experimentada no lar, no altar da família. Há muitas recordações sagradas em minha vida, mas uma das mais gratas é a família ajoelhando para orar. Aqueles de nós que ouviram os seus nomes na oração da mãe têm um estranho e doce sentimento quando ouvem alguém cantar «Meu nome em oração».

«Mamã, porém, não vive mais,
Oh, sim, na campa jaz,
Mas inda vem trazer-me paz
A voz da oração.
Oh, sim, no céu revê-la-ei,
Num lar de resplendor,
E louvarei o grande amor
Que ouviu a oração.»

Perguntar-se-ia porque é que o poder de cura experimentado no culto de família é tão negligenciado hoje em dia quando tanto dele carecemos. É uma inspiração espiritual começar o dia na atmosfera de uma família que ora. «O amor a Deus aprende-se no altar da família, junto ao pai e à mãe, na primeira infância». — *Ibid.*, vol. 5, p. 416. Durante esta Semana de Oração restabelecemos os altares de família quebrados. O culto familiar abre as represas para a luz

do sol do amor de Deus ser derramada no círculo familiar.

Quando e onde quer que prestemos a nossa adoração, devemos sempre fazê-lo com o desejo de uma mais clara visão de Deus. Quando o profeta Isaías se encontrava de pé sob o pórtico do templo, disse: «Eu vi ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; e o Seu séquito enchia o templo». (Isa. 6:1). «Súbitamente pareceu-lhe que o portal e o véu interior do templo eram levantados ou afastados... Ali surgiu ante ele a visão de Jeová.» — *Profetas e Reis*, p. 307. E ele clamou: «Ai de mim, que vou perecendo!»

O profeta observou «a acção e movimento do antigo cerimonial tão rico em simbolismo, em cor e em música. Para os adoradores era um drama familiar, embora subjuguante, mas nada mais. Porém, para Isaías que andara com Deus e se tornara cada vez mais sensível aos valores espirituais e eternos, houve uma revelação súbita da realidade divina subjacente ao simbolismo... *Há uma extrema solidão relacionada com todas as grandes experiências espirituais. Nesse supremo momento Isaías estava só com Deus.*» *Interpreter's Bible*, sobre Isaías 6:1-13, p. 205. (Itálico nosso).

Vendo a Deus compreendemos a profundidade da nossa indignidade e sentimos novamente o amor de Deus. É a grandiosidade de Deus que nos chama à adoração. Quando a igreja inteira está unida em oração são purificados os motivos que levam a agir, e perdoadas e esquecidas as mesquinhas invejas. O Espírito Santo toma domínio da vida e os corações rendem-se. No companheirismo cristão aqueles que estão desanimados encontram coragem e esperança, os que estão solitários encontram força. Na confissão, individual ou colectiva, estamos unindo com os exércitos celestiais. Se nos unirmos em oração o nosso julgamento modificar-se-á e a nossa consagração será renovada. A barreira erguida pelo pecado será derrubada e o homem será reconciliado com Deus em Cristo Jesus.

O culto colectivo é vital e importante. Mas não esqueçamos que sem membros que orem em casa, no altar da família, no escritório, no campo, ou onde quer que seja, o culto colectivo na igreja pode ser uma cerimónia oca e vazia. A nossa oração deveria ser:

«Ensina-me, Senhor, o ritual que vai para além da rotina das palavras e da flexão dos joelhos. Que eu sempre esteja contigo, Senhor da Vida!» — Robert Whitaker, in *Treasury of Poems for Worship*, p. 256.

A DINÂMICA DA ESPERANÇA Ellen G. White

«Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que segundo a Sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos». Há alguma razão por que esta viva esperança não nos dê tanta confiança e alegria agora como deu aos discípulos na igreja primitiva? Cristo não está encerrado no túmulo novo de José. Ele ressuscitou e ascendeu ao alto e nós temos que agir de harmonia com a nossa fé, a fim de que o mundo possa ver que temos uma esperança viva e possa saber que temos um Amigo nas cortes celestiais.

Somos gerados de novo para uma viva esperança e para uma herança incorruptível e incorrupta e que não murcha, reservada no céu para nós. A nossa esperança não é sem fundamento; a nossa herança não é corruptível. Não é questão de imaginação, mas está reservada no céu para aqueles «que mediante a fé estão guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo»¹.

O apóstolo Paulo exorta-nos a manter firme a esperança diante de nós no Evangelho. Pela fé devemos apropriar-nos das promessas de Deus, prover-nos a nós próprios com as abundantes bênçãos que nos foram garantidas através de Jesus Cristo. Diante de nós está a esperança, esperança mesmo de vida eterna.

Nada menos do que esta bênção para nós satisfará o nosso Redentor; a nossa parte é apossar-nos desta esperança pela fé n'Aquele que prometeu. Podemos esperar sofrer; porque são os que são participantes com Ele nos Seus sofrimentos que participarão com Ele na Sua glória. Ele comprou perdão e imortalidade para as perecíveis e pecadoras almas dos homens; mas é nossa parte receber estes dons pela fé...

Temos de compreender que podemos esperar confiantemente o favor de Deus não apenas neste mundo, mas no mundo vindouro, visto que Ele pagou um tão grande preço pela nossa salvação. Fé na expiação e intercessão de Cristo manter-nos-ão firmes

e inabaláveis no meio das tentações que nos cercam na igreja militante. Contemplemos a gloriosa esperança colocada perante nós e pela fé apossemo-nos dela.

Não devemos permitir que Satanás lance a sua infernal sombra de um para o outro lado da nossa vereda e consiga o seu propósito de eclipsar a brilhante visão da nossa recompensa futura. Não olhemos para a sua sombra de trevas. Ganhamos o céu não através dos nossos próprios méritos, mas através dos méritos de Jesus Cristo. Não podemos achar salvação em nós próprios; temos de olhar para Jesus, Autor e Consumador da nossa fé e ao olharmos para Ele, viveremos.

Satanás apontará para nós próprios e procurará fazer-nos crer que temos de levar os nossos próprios pecados. Quão dificilmente lutam os pobres mortais para expiar os seus pecados e os dos outros! Mas o único que pode expiar os pecados é Jesus Cristo. Somente Ele pode ser meu substituto e expiar os meus pecados. O precursor de Jesus exclamou: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo». Não renunciaremos aos nossos pecados e não os abandonaremos? Não nos desviaremos deles, não os odiaremos e não nos lembraremos que Cristo olha para os Seus agentes humanos como sendo de grande valor? Não podemos calcular o valor atribuído a uma alma.

Retirai pois os olhos de vós mesmos e animai a esperança e confiança em Cristo. Que a vossa esperança não se centralize em vós, mas n'Aquele que penetrou para além do véu. Falai da bem-aventurada esperança e do glorioso aparecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

É verdade que estamos expostos a grandes perigos morais; é verdade que estamos em perigo de ser corrompidos. Mas este perigo ameaça-nos apenas se confiarmos em nós próprios e se não olharmos mais alto do que os nossos próprios esforços humanos. Procedendo assim a nossa fé naufragará.

A nossa esperança, uma âncora firme

A nossa esperança de salvação é uma âncora da alma, segura e firme quando penetra até ao interior do véu. Ancorada em Cristo, a alma como um navio no meio dos elementos em fúria, sacudido e levado pela tempestade, é inabalável. Não é impelida de encontro às rochas ou arrastada no remoinho das águas.

«Porque duvidaste?» disse Jesus a Pedro, quando este se estava afundando. A mesma pergunta pode ser feita a cada um de nós. Porque desonramos a Deus com a nossa vergonhosa falta de fé? O Senhor afixou que nos daria força para nos capacitar a permanecer de pé. Ao buscarmos as Escrituras encontramos razão para confiança, provisão para suficiência. É nosso privilégio dizer arrojada e contudo humildemente: O Senhor é o meu Ajudador, por isso não serei abalado da minha firmeza. A minha vida está escondida com Cristo em Deus. Porque Ele vive, também eu vivereei.

Façamos nós o voto diante de Deus e dos anjos do céu de que não desonraremos a Deus falando palavras de desânimo ou descrença. Se falarmos de fé, teremos fé; seremos confirmados na fé. Convidai a entrar no templo da alma o Hóspede Celestial. Que cada palavra que pronunciarmos, que cada linha que traçarmos com a pena, seja evidência de fé resoluto.

Nosso amigo pessoal

Não pensemos que Jesus é o Salvador de uma outra pessoa, mas que Ele é nosso amigo pessoal. Mantende o pensamento de que Jesus me ama. Deste modo a nuvem do desânimo e da melancolia será afastada da alma e seremos capacitados a elevar a Deus um doce hino de louvor em nossos corações. Podemos triunfar no Senhor reconhecendo cada dia o facto de que o nosso tesouro celestial, a nossa eterna recompensa nos está assegurada através da expiação e justiça de Jesus Cristo. Credo nisto, seremos capazes de ajudar outros a ver que a sua única esperança está em Deus e encorajá-los a buscar um refúgio em Cristo, tomando posse da esperança que o Evangelho nos apresenta.

Não precisais nunca sentir-vos sós. Os anjos são os vossos companheiros. O Consolador que Jesus Cristo prometeu enviar em Seu nome habita convosco. Cristo disse aos

Seus seguidores: «Vós sois a luz do mundo». É a vossa parte deixar que a luz brilhe em raios claros e constantes².

Nas horas mais escuras, sob as mais proibitivas circunstâncias, o crente cristão pode sustentar sua alma sobre a fonte de toda a luz e poder. Dia a dia, pela fé em Deus, sua esperança e ânimo podem ser renovados, «o justo pela sua fé viverá». No serviço de Deus não precisa haver desalento, nem vacilação ou temor. O Senhor fará mais que cumprir as mais altas expectativas dos que n'Ele põem a sua confiança. Ele lhes dará a sabedoria que suas múltiplas necessidades demandam...

Devemos acariciar e cultivar a fé da qual testificaram profetas e apóstolos — a fé que se apodera das promessas de Deus, e espera pelo livramento na ocasião e maneira apontados. A firme palavra da profecia encontrará seu final cumprimento no glorioso advento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, como Rei dos reis e Senhor dos senhores³.

Há diante de nós um céu, uma coroa de vida a ganhar. Mas a recompensa é só para aquele que vencer. Aquele que ganha o céu tem de estar vestido com as vestes de justiça. «Qualquer que n'Ele tem esta esperança purifica-se a si mesmo como também Ele é puro». No carácter de Cristo não há desacordo de espécie alguma. E esta deve ser a nossa experiência. As nossas vidas devem ser controladas pelos princípios que controlaram a Sua vida.

Cristo nos nossos lares

Estão os nossos olhos fixos no Modelo Perfeito, ou estamos nós baixando as normas? Precisamos da fé que opera por amor e purifica o coração. Precisamos de trazer Cristo para os nossos lares. Não podemos permitir-nos ficar sem o Seu auxílio. Ele diz: «Vós sois a luz do mundo». Ele estabeleceu o Seu povo como igreja a fim de ensiná-los a romper com o mundo e a prepararem-se para o céu. Ele veio a este mundo erguer homens e mulheres da degradação do pecado e prepará-los para o céu. Que mais poderia Deus ter feito por nós? E como escaparemos se negligenciarmos tão grande salvação...

Todos os que desejam podem ser vencedores. Lutemos, pois, fervorosamente, para alcançar a norma diante de nós. Cristo conhece a nossa fraqueza e a Ele podemos ir diariamente em busca de auxílio. Não é ne-

cessário ganharmos força um mês antes. Temos de a conquistar dia a dia.

Esta terra é o lugar de preparação para o céu. O tempo passaco aqui é o inverno do cristão. Aqui os frios ventos da aflição sopram sobre nós e as ondas da angústia rolam contra nós. Mas no futuro próximo, quando Cristo vier, a tristeza e o choro terminarão para sempre e não haverá mais morte. «E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas»⁴.

Em breve estaremos lá

Em nosso amor por Cristo, ansiamos vê-lo tal como é. E aproxima-se o tempo em que O veremos. Acerca deste tempo, João o Revelador, diz: «E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro. No meio, e de uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a saúde das nações». ...Louvemos a Deus pela árvore da vida, cujas folhas são para a saúde das nações.

«E ali nunca mais haverá maldição». Por toda a parte se vêem os efeitos da maldição. Louvemos a Deus porque na terra renovada «nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os Seus servos O servirão»...

Notai particularmente o versículo seguinte: «E verão a Sua face e o Seu nome estará nas suas fronteiras». Quando a glória de Deus repousa sobre os remidos, eles reconhecem a Cristo, porque assim como é O verão. E a felicidade revelada em seus rostos é indescritível.

«E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia; e reinarão para todo o sempre». Reinarão em Seu trono, porque O serviram obedientemente neste mundo, formando caracteres para a futura vida imortal⁵.

Felizes recompensas na terra renovada

Na terra renovada, os redimidos empenhar-se-ão em ocupações e prazeres que levaram felicidade a Adão e Eva no início. Será vivida a vida edênica, a vida no jardim e no campo. «E edificarão casas, e as habi-

tarão; e plantarão vinhas, e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem e não plantarão para que outros comam; porque os dias do Meu povo serão como os dias da árvore, e os Meus eleitos gozarão das obras das suas mãos até à velhice». (Isa. 61:21, 22).

Ali cada faculdade será desenvolvida, toda a habilidade aumentada. Os maiores empreendimentos serão levados ao êxito, as mais elevadas aspirações alcançadas, realizadas as mais altas ambições. E surgirão ainda novas alturas a serem alcançadas, novas maravilhas para serem admiradas, novas verdades para serem compreendidas, novos objectos de estudo a desafiarem as faculdades do corpo, da mente e da alma.

Os profetas a quem essas grandes cenas foram reveladas, ansiaram por compreender-lhes o pleno significado. Eles «inquiriram e trataram diligentemente... indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava... Aos quais foi revelado que não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que agora vos foram anunciadas». (1 Ped. 1:10-12).

A nós que estamos no limiar do seu cumprimento, que momentosos e de vivo interesse não são esses debuxos das coisas por vir — eventos a cujo respeito, desde que nossos primeiros pais se encaminharam para fora do Éden, os filhos de Deus têm orado, e os quais têm ansiosamente aguardado!

Companheiro peregrino, nós estamos ainda em meio às sombras e tumultos das actividades terrenas mas logo nosso Salvador deverá aparecer para nos dar livramento e repouso. Olhemos pela fé ao bendito futuro, tal como a mão de Deus o pinta. Aquele que morreu pelos pecados do mundo, está franqueando as portas do Paraíso a todo o que n'Ele crê. Logo a batalha estará finda e a vitória ganha. Breve veremos Aquele em quem se têm centralizado nossas esperanças de vida eterna. Em Sua presença as provas e sofrimentos desta vida parecerão como se nada fora. «Não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão».

«Não rejeiteis pois a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há-de vir virá, e não tardará». «Israel é salvo... com uma

eterna salvação; pelo que não sereis envergonhados nem confundidos em todas as eternidades». (Isa. 65:67; Heb. 10:35-37; Isa. 45:17).

Olhai para cima, olhai para cima, e permiti que vossa fé cresça continuamente. Permitted que esta fé vos guie pelo caminho estreito que leva através das portas da cidade para o grande além, o vasto e ilimitado futuro de glória que há para os redimidos. «Sêde pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e a serôdia. Sêde vós também pacientes, fortalecei os vossos corações; porque a vinda do Senhor está próxima». (Tiago 5:7 e 8) ⁶.

No devido tempo Deus cumprirá a Sua palavra.

Ficará alguém cansado agora? Perdemos ou manteremos a fé agora que estamos tão perto do mundo eterno? Dirá alguém: A cidade ainda está distante? — Não, não. Um pouquinho ainda e veremos o Rei na Sua beleza. Um pouquinho ainda e Ele limpará todas as lágrimas de nossos olhos. Um pouquinho ainda e Ele nos apresentará «irrepreensíveis, com alegria, perante a Sua glória» ⁷.

AGENDA ADVENTISTA

Novembro de 1972

CALENDÁRIO DA IGREJA

Dias

4-11 — Semana de Oração

11 — Oferta Anual de Sacrifício

18 — Dia da Revista Adventista e Oferta.

TABELA DO PÔR-DO-SOL

Dia	Lisboa	Funchal	P. Delgada
3	18.35	18.16	17.43
10	18.28	18.10	17.36
17	18.23	18.05	17.30
24	18.18	18.03	17.27

DEVOÇÃO MATINAL

Qua.	1 — João 16:33, u. p.	— Apreciastes o custo?
Qui.	2 — 1 Ped. 1:7	— Suportareis o fogo purificador
Sex.	3 — 1 Ped. 4:12, 13	— Alegria através do sofrimento com Cristo
Sáb.	4 — Gén. 9:16	— Sinal do concerto eterno
Dom.	5 — Apoc. 1:9	— Deus fala através do silêncio
Seg.	6 — Job 23:10	— A impureza deve ser expurgada
Ter.	7 — Heb. 12:11	— Deus sabe o que é melhor
Qua.	8 — Rom. 8:28	— Todas as coisas contribuem juntamente para o bem
Qui.	9 — 2 Cor. 4:17, 18	— Vendo o invisível
Sex.	10 — Rom. 8:35	— Nenhum poder pode separar de Cristo
Sáb.	11 — Jer. 30:7	— O cadinho da angústia
Dom.	12 — Ageu 2:3, p. e u. p.	— Pedra preciosa ou seixo?
Seg.	13 — 1 Cor. 10:13	— Deus mede cada prova
Ter.	14 — Job 13:15, 16, p. p. de cada	— A fé tem de atravessar as trevas
Qua.	15 — 1 Ped. 2:3	— Conheci por vós próprios que Deus é benigno
Qui.	16 — Fil. 4:4-6	— Regozijai-vos sempre
Sex.	17 — Fil. 4:7	— Paz para além de toda a compreensão
Sáb.	18 — João 14:27	— O precioso legado de Cristo
Dom.	19 — João 16:33, p. p.	— O fundamento de toda a verdadeira paz
Seg.	20 — Fil. 2:15	— Uma experiência superficial não é suficiente
Ter.	21 — Sal. 92:12	— Cristãos como palmeiras
Qua.	22 — 1 Cor. 15:58	— «Sede firmes e constantes»
Qui.	23 — Sal. 119:45	— A base da religião pura
Sex.	24 — Isa. 42:19, 20	— Tempo para ser cego e surdo
Sáb.	25 — Isa. 64:3	— Deixemos que a mão de Deus molde o barro
Dom.	26 — 2 Cor. 13:5	— Examinai-vos a vós próprios
Seg.	27 — Mat. 5:3	— Mantende-vos puros
Ter.	28 — Efé. 4:13	— «A medida da estatura completa»
Qua.	29 — Heb. 11:24-27	— Vendo Aquele que é invisível
Qui.	30 — Col. 3:1, 2	— Onde estão as minhas afeições?

ANO BÍBLICO

João 10 a Gálatas 3

¹ *Review and Herald*, 6 de Agosto de 1889.

² *Ibid.*, 9 de Junho de 1896.

³ *Profetas e Reis*, pp. 836, 387.

⁴ Manuscrito 28, 1886.

⁵ Manuscrito 110, 1901.

⁶ *Profetas e Reis*, pp. 730-732.

⁷ *Review and Herald*, 13 de Novembro de 1913.

ÂNIMO NO SENHOR

Recentemente durante a noite, minha mente foi impressionada pelo Espírito Santo com o pensamento de que se o Senhor há-de vir em breve, como cremos, deveremos ser mais activos do que temos sido em anos passados no apresentar a verdade ao povo.

Nesse sentido, o meu espírito retrocedeu à actividade dos crentes do advento em 1843 e 1844. Nesse tempo havia muita visita de casa em casa, e faziam-se esforços infatigáveis para advertir o povo das coisas de que fala a Palavra de Deus. Deveríamos estar fazendo ainda maiores esforços do que os tão fielmente feitos pelos que proclamaram a primeira mensagem angélica. Estamos aproximando-nos rapidamente do fim da história desta Terra; e ao reconhecermos que verdadeiramente Jesus virá em breve, erguer-nos-emos para trabalhar como nunca dantes. É-nos mandado fazer soar para o povo um toque de alarme. E em nossa vida devemos mostrar o poder da verdade e da justiça. Deverá o mundo em breve enfrentar o grande Legislador, por causa de Sua lei quebrantada. Apenas os que se desviarem da transgressão para a obediência podem esperar perdão e paz.

Devemos desfraldar o estandarte em que está escrito: «Os mandamentos de Deus e a fé de Jesus». A obediência à lei de Deus é a grande questão. Não seja ela perdida de vista. Devemos estimular os membros da igreja e os que não fazem profissão de fé, a verem os reclamos da lei do Céu e a eles obedecerem. Devemos engrandecer a lei e fazê-la gloriosa.

Cristo comissionou-nos para semear as sementes da verdade, e incutir em nosso povo a importância do trabalho que deve ser feito em prol dos que vivem no meio das cenas finais da história da Terra. Ao serem proclamadas as palavras da verdade nos caminhos e valados, deve haver uma revelação da operação do Espírito de Deus nos corações humanos.

Oh! quanto bem poderia ser realizado se todos quantos possuem a verdade, a Palavra da vida, trabalhassem para iluminar os que a não têm. Quando, atendendo ao convite da samaritana, os samaritanos foram ter com Cristo, Ele os comparou, para os discípulos, a uma plantação de trigo, em ponto de ceifar. «Não dizeis vós que ainda há quatro meses até que venha a ceifa?», disse ele. «Levantai os vossos olhos, e vêde as terras, que já estão brancas para a ceifa.» João 4:35. Cristo ficou com os samaritanos dois dias, estavam famintos de ouvir a verdade. E como foram trabalhosos aqueles dias!

Como resultado desses dias de trabalho, «muitos mais creram n'Ele, por causa da Sua palavra». Seu testemunho foi este: «Nós mesmos O temos ouvido, e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo.» Vrs. 41 e 42.

Quem dentre o professo povo de Deus empreenderá esta sagrada tarefa, e trabalhará a favor das almas que perecem por falta de conhecimento? O mundo precisa ser advertido. Muitos lugares me são indicados como estando necessitados de esforços consagrados, fiéis e infatigáveis. Cristo está abrindo o coração e a mente de muitos em nossas grandes cidades. Estes precisam das verdades da Palavra de Deus; e se estabelecermos comunhão sagrada com Cristo, e buscarmos entrar em contacto com essas pessoas, far-se-ão impressões para bem. Precisamos despertar e entrar em afinidade com Cristo e com os nossos semelhantes. As cidades grandes e pequenas e as localidades próximas e distantes, precisam ser trabalhadas, e isso com sabedoria. Nunca recueis. Se tralhamos em uníssono com o Espírito de Deus, o Senhor fará as devidas impressões nos corações.

Tenho para vós palavras de ânimo, meus irmãos. Devemos avançar com fé e esperança, esperando de Deus grandes coisas. O inimigo buscará de toda a maneira impedir os esforços feitos para o avanço da verdade, mas na força do Senhor podeis alcançar êxito. Não se profiram palavras desanimadoras, mas somente as que se destinem a fortalecer e ajudar os coobreiros...

Oro com fervor para que o trabalho que fazemos agora fique profundamente gravado no coração e mente e alma. Aumentarão as perplexidades; mas como crentes em Deus, animemo-nos uns aos outros. Não abaixemos a norma, mas mantenhamo-la bem elevada, olhado para Aquele que é o autor e consumidor da nossa fé...

O trabalho que está por fazer é tal que porá à prova todas as capacidades do ser humano. Exigirá o uso de forte fé e vigilância constante. Por vezes, as dificuldades que enfrentaremos serão as mais desanimadoras. A própria grandeza da tarefa nos desacoroçoará. Não obstante, com a ajuda de Deus, Seus servos finalmente triunfarão. «Portanto», irmãos, «vos peço que não desfaleçais» (Efés. 3:13), por motivo das experiências probantes que estão perante vós. Jesus estará convosco; Ele irá adiante de vós pelo Seu Espírito Santo, preparando o caminho; e será o vosso auxiliador em todas as circunstâncias.

E. G. White